A SELEÇÃO BRASILEIRA DE TODOS OS TEMPOS

PLACAR OUVIU 170 REPÓRTERES, NARRADORES E COMENTARISTAS E ELEGEU OS 11 MELHORES, UM BANCO DE LUXO E OS TERCEIROS MAIS VOTADOS EM CADA POSIÇÃO

(VIRE A PÁGINA E DESCUBRA QUEM SÃO OS MAIORES CRAQUES DA HISTÓRIA DO TIME CANARINHO)

O começo de tudo: a primeira seleção brasileira, ainda de uniforme branco, estreou vencendo os ingleses do Exeter City por 2 a 0, no Estádio das Laranjeiras, no Rio

OS MELHORES DA HISTÓRIA, POSIÇÃO A POSIÇÃO

4 Apresentação

6 A seleção brasileira de todos os tempos
O 11 TITULAR

8 Goleiros

12 Laterais-direitos

16 Zagueiros

24 Laterais-esquerdos

28 Meias e atacantes

52 Treinadores

54 A seleção brasileira de todos os tempos
O BANCO DE LUXO

56 Voto a voto

64 A seleção brasileira de todos os tempos
O TERCEIRO TIME

66 Paulo Cezar Caju

CAPA: MONTAGEM COM FOTO DE SHUTTERSTOCK

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Maurício Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman
Editor Assistente: Luiz Felipe Castro
Repórter: Alexandre Senechal **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueiredo da Silva (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto) e Klaus Richmond (reportagem)

www.placar.com.br

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade) (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento, Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços, Regionais e Governo). DIRETORIA DE MERCADO Carlos Nogueira OPERAÇÕES EDITORIAIS E MARKETING MARCAS Andrea Abelleira BRANDED CONTENT, CRIAÇÃO E VÍDEO João Pedro Maya PRODUTOS E PLATAFORMAS Guilherme Valente DEDOC E ABRILPRESS Irvinng Lage ABRIL BIG DATA (Big Data + Seo + Mkt Digital + Advertising) Sérgio Rosa

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1 472 (789 3614 11176 6), ano 51, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

A NATA DA NATA

Eleição da seleção brasileira de todos os tempos feita por PLACAR celebra os craques do passado, por mais que o país continue produzindo (e exportando) grandes jogadores

Gabriel Pillar Grossi

Há pouco mais de 25 anos, em 1995, PLACAR convidou 64 personalidades do mundo do futebol (jornalistas, ex-jogadores estrangeiros, ex-técnicos do Brasil em Copas do Mundo etc.) e montou pela primeira vez a seleção brasileira de todos os tempos. Apenas um ano depois da conquista do tetra, os onze eleitos já estavam todos aposentados — eram craques dos Mundiais de 1958, 1962 e 1970. Agora, convidamos 170 jornalistas do Brasil inteiro para, mais uma vez, eleger os maiores craques que já vestiram a camisa canarinho. Em vez de um time com os onze melhores, você vai encontrar nesta edição de colecionador uma equipe titular, os reservas e também os terceiros mais votados em cada posição, bem como um técnico para cada um desses esquadrões. A divulgação da lista dos 33 vencedores chega em um momento especial para o futebol brasileiro. Por mais que a seleção não nos dê grandes alegrias já há algum tempo, pela terceira vez na história dois times brasileiros chegaram à final da Libertadores (antes, havia ocorrido em 2005 e 2006). Em jogo único, no Maracanã, o Palmeiras venceu o Santos com um gol nos acréscimos do segundo tempo e sagrou-se bicampeão da América — indício de sermos, ainda, e talvez para sempre, arsenal de craques para as futuras gerações.

Na votação dos melhores de todos os tempos, 69 atletas e oito treinadores foram lembrados, ao menos uma vez (nenhum dos eleitores cravou os onze titulares). Um único nome aparece nas duas listas: Zagallo, ponta-esquerda bicampeão na Suécia e no Chile e comandante do supertime do tri, no México. Muitos jogadores foram escalados em diferentes posições. Falcão e Toninho Cerezo apareceram como zagueiros e também como meias. Carlos Alberto, na lateral e na zaga. Junior, como lateral direito e também como esquerdo. E, a exemplo do que aconteceu na vitoriosa campanha de 1970, vários craques aparecem na lista tanto no meio de campo quanto no ataque *(conheça todos os votos a partir da pág. 56)*. O critério adotado por PLACAR foi simples e direto: somar todos os votos, independentemente da posição em que cada um foi escalado. Em seguida, montou-se o time, no clássico 4-3-3: além do goleiro, quatro na zaga, três no meio e três na

ACERVO SANTOS

frente *(conheça as seleções formadas nos quadros acima, à dir.)*.

Como costuma ocorrer nesse tipo de votação, há espaço para polêmicas e surpresas. Como em 1995, nenhum jogador em atividade ficou entre os mais votados (apenas quatro receberam menções dos eleitores). Talvez porque pensar numa escolha histórica exija olhar apenas para aqueles que já se consagraram — não os que ainda estão sendo julgados pelo que fazem dentro e fora

OS ELEITOS

TIME TITULAR
Taffarel; Carlos Alberto, Aldair, Bellini e Nilton Santos; Didi, Falcão e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário.

Técnico:
Zagallo

SEGUNDO TIME
Gylmar; Cafu, Mauro, Domingos da Guia e Roberto Carlos; Gérson, Zico e Rivaldo; Ronaldinho Gaúcho, Sócrates e Rivellino.

Técnico:
Telê Santana

TERCEIRO TIME
Dida; Djalma Santos, Oscar, Luís Pereira e Junior; Clodoaldo, Dunga e Zito; Zizinho, Tostão e Leônidas da Silva

Técnico:
Carlos Alberto Parreira

Pelé e Ademir da Guia, pelo Santos e Palmeiras, no início dos anos 1970: a final brasileira da Libertadores de 2020 é indício de que o Brasil ainda é (e sempre será) celeiro de craques fenomenais

do campo. "O humorista Marcelo Madureira faz um outro corte: "Fui até a Copa de 2006, quando, na minha modesta opinião, a seleção morreu, junto com o Bussunda". O veterano narrador Silvio Luiz disse que é muito difícil comparar diferentes épocas. "Tudo é diferente, a qualidade do material, a bola... Só quem não pode ficar de fora é o Pelé", apostou. Mas houve sim quem tenha deixado o Rei de lado. Exatos cinco votantes optaram por não escalá-lo, com uma motivação compreensível: "Só os que vi jogar", resumiu a jornalista Renata de Medeiros.

Diante da profusão de craques que já atuaram pela seleção, muitos lamentaram ter de escolher apenas onze. Vários mandaram também uma lista com os reservas de luxo, o segundo time, os injustiçados, aqueles que fazem o coração sangrar ao vê-los fora do time. "Na minha lista, há reconhecimento biográfico, observação de velhas imagens, um pouco do que pude ver e, claro, aquela pitada de gosto pessoal", resumiu o comentarista Carlos Eduardo Lino. Já o narrador Galvão Bueno explicou cada um dos seus votos e acrescentou: "É preciso pensar em jogadores das Copas que o Brasil ganhou (1958, 1962, 1970, 1994, 2002), mas também do time de 1982, que não ganhou, mas foi genial".

O resultado detalhado dessa divertida aventura você acompanha nas próximas páginas. ■

O 11 TITULAR

ILUSTRAÇÃO BAPTISTÃO

Taffarel, Carlos Alberto, Aldair, Bellini, Falcão, Nilton Santos e Zagallo *(em pé)*; Garrincha, Didi, Ronaldo, Pelé e Romário *(agachados)*

"SAI QUE É SUA, TAFFAREL"

O bordão, criado para criticar o arqueiro que não "atacava" as bolas alçadas na área, virou sinônimo das incríveis defesas de pênaltis em mais de onze anos com a camisa da seleção

Durante onze anos, Taffarel viveu (muitos) altos e (alguns) baixos com a camisa da seleção brasileira. Depois de ganhar o Pan-Americano de 1987, em Indianápolis, começou a construir a fama de grande pegador de pênaltis na semifinal da Olimpíada de Seul, em 1988, quando catou três cobranças contra a Alemanha Ocidental (um ano antes, já havia defendido duas num Gre-Nal, para delírio da torcida do Internacional, seu primeiro clube como profissional).

Passou a ser titular do time principal do Brasil e foi um dos poucos a sair ilesos da precoce eliminação na Copa do Mundo da Itália, em 1990. Ainda assim, por causa das regras sobre o número de jogadores estrangeiros em campo, deixou de ser titular absoluto do Parma e, entre 1991 e 1993, também foi colocado na reserva em jogos pela seleção.

Em julho de 1993, Taffarel falhou feio no 2 a 0 para a Bolívia, em La Paz, que marcou a primeira derrota da seleção em partidas eliminatórias para a Copa do Mundo. E o narrador Galvão Bueno cunhou o bordão que acabaria consagrando o goleiro: "Sai que é sua, Taffarel" (na época, muitos criticavam o fato de ele gostar de ficar perto do gol, sem "atacar" a bola alçada na área). A gangorra voltou a sorrir para ele no ano seguinte. No Mundial dos Estados Unidos, o Brasil conquistou o tetra sofrendo apenas três gols — o mesmo número de pênaltis perdidos pela Itália na decisão, um deles defendido pelo arqueiro *(leia mais na entrevista na pág. ao lado)*.

Mais um ano se passou... e mais uma falha. Na final da Copa América, um golpe de vista malfeito e o gol de empate do Uruguai, que acabaria vencendo o torneio. No Mundial da França, em 1998, mais uma vez Taffarel fez a alegria do torcedor. Na semifinal, contra a Holanda, ele pegou duas cobranças de pênaltis e se consagrou definitivamente como um dos maiores de todos os tempos nessa especialidade. Faltou, porém, derrotar Zidane e companhia na final. ■

TITULAR

NASCIMENTO
8 de maio de 1966, em Santa Rosa (RS)

JOGOU POR
Internacional, Parma e Reggiana (ambos da Itália), Atlético (MG) e Galatasaray (Turquia). Apesar de revelado e consagrado pelo Inter, nunca conquistou um título com a camisa colorada — mas tem em casa a Bola de Prata de melhor goleiro do Brasileirão de 1987 e a Bola de Ouro de craque do torneio em 1988 (nos dois anos, foi vice-campeão nacional). Ganhou duas Copas da Itália e uma Recopa europeia pelo Parma, o Campeonato Mineiro de 1995 e a Copa Conmebol de 1997 pelo Galo, mais dois Campeonatos Turcos, duas Copas da Turquia, uma Liga Europa e uma Supercopa europeia pelo Galatasaray

PELA SELEÇÃO
foi titular das Copas de 1990, 1994 (campeão) e 1998 (vice). Atuou em 108 partidas, com 64 vitórias, 31 empates e apenas 13 derrotas. Sofreu 72 gols. Venceu também o Mundial sub-20 de 1985 e o Pan-Americano de 1987. Foi medalha de prata na Olimpíada de Seul, em 1988 e campeão da Copa América de 1989 e 1997. Hoje é o treinador de goleiros do Brasil

CLÁUDIO ANDRÉ MERGEN TAFFAREL

RICARDO CORREA

Comemoração na decisão por pênaltis contra a Holanda, em 1998: ele sempre foi um dos melhores nessa especialidade

"FUI UM CARA FRIO, MAL QUERIA APARECER"

Qual é a sensação de fazer parte da seleção brasileira de todos os tempos? É um orgulho muito grande. É muito craque, muita gente boa. Estar no meio desses caras — e ao lado do Pelé — é grandioso mesmo. Mesmo que seja só num time de sonhos, agradeço a todos que votaram em mim.

Dá para imaginar esse time jogando? Acho que nessa defesa não ia passar nada. Eu ia trabalhar menos do que em 1994 (o Parreira sempre me provoca dizendo que eu não fiz nada naquela Copa). Do meio para a frente, falta posição para tanto craque. Esse time seria muito ofensivo, com classe, técnica e fome de gol. Joguei com Falcão na despedida do Zico, fico imaginando ele e Pelé juntos. E o ataque é a nata da nata. Os dribles do Garrincha eram lindos de ver, Romário sempre chamando a responsabilidade e Ronaldo é o Fenômeno, com aquele arranque.

Como treinador de goleiros da seleção, quem foi o melhor na sua opinião? Acho que eu marquei os anos 1990, as três Copas. Mas eu escolheria o Gylmar dos Santos Neves.

Qual sua melhor lembrança como goleiro do Brasil? Seria até uma ingratidão não falar do tetra, em 1994. A semifinal contra a Holanda, em 1998, foi incrível, mas a final contra a Itália foi o ápice, o jogo que mais me marcou. Joguei vários anos pela seleção e sempre busquei transmitir segurança para os companheiros. Queria ser calmo em campo, tinha confiança porque trabalhava muito. Era um cara frio, não saltava muito na bola, pouco queria aparecer.

E sua melhor atuação? Sem dúvida, foi na semifinal da Olimpíada de Seul, em 1988, quando peguei um pênalti falando sete minutos para o fim do jogo e depois, na decisão por pênaltis, defendi mais dois.

Como você se sentia quando falhava? Reconheço que falhei algumas vezes. As mais marcantes foram nas eliminatórias, em 1993, contra a Bolívia, e na Copa América de 1995, no Uruguai. Mas isso nunca me colocou pra baixo.

Há poucos jogadores em atividade entre todos os que receberam votos. Por quê? É lógico valorizar menos o presente. Quem joga hoje ainda está sob julgamento. Quem passou já foi julgado. E a imagem que vem primeiro é lá de trás. A escolha é saudosista mesmo, todos querem uma seleção de futebol marcante, vitorioso, alegre, de referência.

Gabriel Pillar Grossi

ACERVO PLACAR

Sinônimo de segurança debaixo dos três paus: ele ajudou a desfazer a imagem de que o Brasil não produzia bons arqueiros

MURALHA TRANQUILA

Raro caso de jogador identificado com dois grandes times de São Paulo — o Corinthians e o Santos —, ele foi a garantia de uma defesa segura e pouco vazada no bicampeonato mundial de 1958 e 1962, na Suécia e no Chile

Nos idos de 1958 e 1962, anos do bicampeonato mundial, os estrangeiros costumavam dizer que uma das razões para o Brasil produzir poucos goleiros de renome era o fato de os meninos brasileiros sempre sonharem ser atacantes como o iniciante Pelé. Era uma avaliação injusta. Na Suécia e no Chile, quando deixamos de ser vira-latas com afeição à derrota, havia debaixo das traves o calmo, sensato, afável e ágil Gylmar dos Santos Neves. Seu sucesso influenciou a carreira de muitos arqueiros — inclusive, é claro, de Taffarel, o titular desta seleção de PLACAR. Não seria exagero dizer que, sem Gylmar, o Brasil talvez nunca saísse da fila — em decorrência das grandes defesas, sem dúvida, mas também por causa de sua personalidade protetora, uma montanha de 1,81 metro feita de delicadeza.

NASCIMENTO
22 de agosto de 1930, em Santos (SP)

MORTE
25 de agosto de 2013, em São Paulo

JOGOU POR
Jabaquara, Corinthians e Santos. Pelo Timão, foi campeão paulista em 1951, 1952 e 1954. Pelo Santos, conquistou o bicampeonato da Libertadores e do Mundial de Clubes em 1962 e 1963

PELA SELEÇÃO
participou de três Copas (1958, 1962 e 1966). Disputou 103 partidas e levou 104 gols

GYLMAR DOS SANTOS NEVES

Numa das mais conhecidas fotografias da vitória em 1958, ele aparece ao lado de Didi e Pelé, em prantos, depois da conquista. "Eu tinha apenas 17 anos e ele me deu várias orientações", diria o rei. Gylmar tinha 27.

Logo antes de levar a canarinho ao bi, ele deixaria o Corinthians, onde permaneceu por dez anos, a caminho do Santos. No time da Baixada Santista, conquistou tudo e mais um pouco: foi cinco vezes campeão paulista, cinco vezes campeão brasileiro, duas vezes campeão da Libertadores e duas vezes campeão mundial interclubes. É um raro caso de jogador que, entre os times, é identificado com duas camisas de um mesmo estado — a do Santos, evidentemente, mas também a do Corinthians, com a qual levou o alvinegro paulistano ao título de 1954, o último antes da seca de 23 anos. Gylmar morreu em 2013, de infarto. Desde 2000 tinha o lado direito do corpo paralisado, em decorrência de um acidente vascular cerebral. Mal falava, não andava. A bordo de uma cadeira de rodas, nas poucas vezes em que apareceu em público, era louvado e festejado pelo que representou para o futebol brasileiro. Se Pelé sempre foi codinome de meia atacante goleador, Gylmar era sinônimo de garantia com as luvas. ■

GIGANTE FEITO DE GELO

Dono de rara frieza, o goleiro baiano destruiu preconceitos e se tornou ídolo de grandes clubes, no Brasil e na Europa, com sua marca registrada: a tranquilidade traduzida em segurança

Calma: um dos poucos jogadores a ganhar a Libertadores, a Liga dos Campeões e a Copa do Mundo, ele atuou 91 vezes pela seleção

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Assim como Taffarel e Gilmar, Dida é mais um a contrariar a tese de que o bom goleiro precisa ser meio maluco, espalhafatoso. O baiano de 1,96 metro de altura era sério, quase impassível, e de poucas palavras — seu tom de voz manso raramente era ouvido em entrevistas, mas ex-companheiros garantem que Nelson, seu nome de batismo e como era chamado na intimidade, tinha um lado extrovertido.

Ainda como uma revelação do Vitória, ajudou a quebrar preconceitos, como a desconfiança contra goleiros negros — tese racista originada com a perseguição a Moacyr Barbosa, titular da seleção na Copa de 1950, que até hoje ainda encontra eco. Pelo clube rubro-negro, foi vice-campeão do Brasileirão de 1993 com apenas 20 anos, e chamou a atenção do Cruzeiro, pelo qual fez história ao conquistar quatro mineiros, uma Copa do Brasil e a Libertadores de 1997 — com direito a uma defesa histórica na final contra o Sporting Cristal.

Defender pênaltis foi sua especialidade. Em agosto de 1999, após brilhar na conquista da Copa América pela seleção brasileira, pegando penalidades contra Chile e Argentina, foi capa da PLACAR com o título "São Dida". "Ele leva uma grande vantagem em relação aos goleiros altos de antigamente: como faz parte de uma geração que conviveu com treinamento específico desde a categoria de base, chegou ao profissional com a mesma agilidade de um jogador mais baixo", disse, à época, Valdir de Morais (1931-2020), ex-arqueiro e um dos primeiros treinadores de guarda-metas.

Meses depois daquela publicação, Dida se tornaria ídolo no Corinthians ao conquistar o Brasileirão — na semifinal, pegou dois pênaltis do ídolo tricolor Raí, no Morumbi. Também foi responsável por decretar o fim do estigma contra goleiros brasileiros na Europa. Não foi o primeiro a jogar por lá, mas certamente foi o mais bem-sucedido. Pelo Milan (Itália), conquistou oito títulos, sendo duas Ligas dos Campeões — integra, por sinal, o seleto grupo de campeões da América, da Europa e do mundo, ao lado de craques como Cafu e Ronaldinho Gaúcho.

Em Copas, foi reserva de Taffarel no vice-campeonato de 1998, suplente de Marcos no penta, em 2002, e titular em 2006. Dida voltou ao Brasil no fim da carreira e ainda teve bons momentos na Portuguesa, no Grêmio e no Inter, até encerrar a carreira aos 41 anos, em 2015. Hoje é preparador de goleiros do Milan. Com 91 jogos oficiais entre 1995 e 2006, é o terceiro que mais vestiu a camisa do Brasil, atrás apenas de Taffarel (101) e Gilmar (94). ■

DIDA

7 VOTOS

NASCIMENTO
7 de outubro de 1973, em Irará (BA)

JOGOU POR
Vitória, Cruzeiro, Milan (Itália), Corinthians, Portuguesa, Grêmio e Inter. Conquistou 24 títulos, com destaque para a Libertadores de 1997 (Cruzeiro), o Brasileirão de 1999 e o Mundial de Clubes de 2000 (Corinthians), as Ligas dos Campeões de 2003 e 2007 (Milan) e a Copa do Mundo de 2002 pela seleção brasileira

PELA SELEÇÃO
participou das Copas de 1998, 2002 e 2006. Fez 91 jogos e sofreu 70 gols

NELSON DE JESUS DA SILVA

HAJA PERSONALIDADE

Ele sempre esteve no lugar certo e na hora certa. Brilhou em vários times brasileiros, na seleção e no Cosmos. Foi um treinador de sucesso — e morreu muito cedo

Na Copa do Mundo de 1970, o técnico Zagallo escolheu Carlos Alberto (então lateral-direito do Santos) para ser o capitão da seleção. Era mais jovem que outros seis titulares, mas desempenhou tão bem a função que ela se tornou o apelido (Capita, o Capitão do Tri) que o acompanha até hoje, mesmo depois de sua morte por infarto, aos 72 anos, em 2016. A imagem que muitos gostam de lembrar é a do jogo contra a Inglaterra, na primeira fase. A partida era encarada como uma final antecipada. Numa disputa de bola na área brasileira, o ponta Francis Lee chutou o rosto do goleiro Félix. Logo em seguida, Carlos Alberto saiu da lateral e, próximo ao centro do gramado, deu uma entrada dura no adversário — que "sumiu" em campo. O Brasil venceu por 1 a 0.

O Capita brilhou em três dos quatro grandes cariocas. Foi revelado pelo Fluminense, jogou com Jairzinho e Paulo Cezar Caju no Botafogo, voltou para o Flu para compor a Máquina Tricolor (ao lado de Rivellino, Caju, Doval, Marco Antônio e tantos outros) e brilhou no Flamengo ao lado de Zico. Além disso, entre 1965 e 1971, fez parte do multicampeão time do Santos, junto com Clodoaldo e Pelé. Transferiu-se em 1977 para o Cosmos, de Nova York, pelo qual conquistou quatro campeonatos norte-americanos.

Como se não bastasse a glória de ter sido o capitão do tri, atuou em 69 partidas pela seleção e fez nove gols — marca surpreendente para um defensor. Aposentou-se, pelo Cosmos, em 1982, e imediatamente passou a trabalhar como treinador. Em sua primeira experiência no banco, ganhou o Brasileiro com o Flamengo de Zico, Junior, Leandro e Adílio.

Nos anos 1980 e 1990, intercalava o trabalho como técnico com o de comentarista esportivo. Em 2016, estava no SporTV. No dia 23 de outubro, participou normalmente do programa *Troca de Passes* e, mesmo sem ter histórico de problemas cardíacos, sofreu uma parada fulminante apenas dois dias mais tarde, quando jogava palavras cruzadas em casa, no Rio de Janeiro. O futebol mundial ficou menor desde então. ■

CARLOS ALBERTO

104 VOTOS

NASCIMENTO
17 de julho de 1944, no Rio de Janeiro

MORTE
25 de outubro de 2016, no Rio de Janeiro

JOGOU POR
Fluminense, Santos, Botafogo e Flamengo, mais New York Cosmos e California Surf (ambos dos Estados Unidos). Foi campeão da Taça Brasil em 1965 e 1968, do Torneio Rio-São Paulo em 1966 e da Recopa Sul-Americana em 1968, além de ganhar três vezes o Carioca e cinco vezes o Paulista. Também foi tetracampeão americano. Como técnico, foi campeão brasileiro com o Flamengo, em 1983, carioca com o Fluminense, no ano seguinte, e da Copa Conmebol com o Botafogo, em 1993

PELA SELEÇÃO
fez 69 jogos, com 9 gols. Conquistou os Jogos Pan-Americanos de 1963 e foi o capitão do tricampeonato mundial, na Copa do México, em 1970. Marcou o último gol na final, vitória por 4 a 1 sobre a Itália

CARLOS ALBERTO TORRES

O Capitão do Tri com a taça Jules Rimet: o quarto gol contra a Itália foi a consagração definitiva daquele time (e daquele gigantesco jogador)

LEMYR MARTINS

SINÔNIMO DE RECORDES

Depois de superar início difícil na carreira, ele enfileirou uma série de marcas históricas – é o único futebolista a disputar três finais de Copa seguidas

ACERVO/GAZETA PRESS

100% Jardim Irene: como capitão do penta, em 2002, exibiu com orgulho a origem humilde em um bairro simples da Grande São Paulo

CAFU

29 VOTOS

NASCIMENTO
7 de junho de 1970, em Itaquaquecetuba (SP)

JOGOU POR
São Paulo, Real Zaragoza (Espanha), Juventude e Palmeiras, além de Roma e Milan (ambos da Itália). Conquistou duas Libertadores (1992 e 1993), três Mundiais (1992, 1993 e 2007), uma Liga dos Campeões (2007), um Campeonato Brasileiro (1991) e dois Italianos (2001 e 2004)

PELA SELEÇÃO
participou das Copas de 1994, 1998, 2002 e 2006. Fez 149 jogos (é o recordista nessa estatística) e marcou 5 gols. Ganhou as Copas de 1994 e 2002 (nessa última, como capitão do time)

MARCOS EVANGELISTA DE MORAIS

Cafu jamais se envergonhou do início de sua trajetória como jogador. Reprovado em nove peneiras, algumas delas no próprio São Paulo, onde faria história entre 1989 e 1994, sempre responde com uma frase em forma de mantra: "Para cada não que recebo vou atrás de um sim". Eleito em dezembro de 2020 pela revista *France Football* para a seleção Bola de Ouro de todos os tempos, Cafu foi moldado pela perseverança e, claro, pelos inesquecíveis berros de Telê Santana. O técnico era incansável em suas orientações para consertar a imperfeição nos passes e cruzamentos, além da mania que o jovem tinha de raramente levantar a cabeça para finalizar uma jogada. "Ele não perdoava nenhum lance", contou Cafu. Segundo suas próprias palavras, o treinador dizia que ele era um caso clássico de jogador que desperdiçava o próprio talento. As broncas valeram.

Cafu deixou o São Paulo com 38 gols e dez títulos, entre eles o bicampeonato da Libertadores e do Mundial, em 1992 e 1993. Tornou-se, ao lado de Roberto Carlos, responsável por consolidar a boa imagem dos laterais brasileiros na Europa, que persiste até hoje. Em todos os outros clubes por que passou — Zaragoza, Juventude, Palmeiras, Roma e Milan — ganhou títulos e uma legião de fãs. Na seleção, foi além e se transformou em um colecionador de marcas, várias delas ainda intactas, apesar de ter atuado pela última vez com a amarelinha em 2006. Fez 149 partidas (Roberto Carlos, o segundo colocado nesse ranking, tem 132 participações). É o único atleta a chegar a três finais de Copas do Mundo. Também ostenta o recorde de maior número de jogos (vinte) e maior número de vitórias (dezesseis) com o Brasil em Mundiais. Ronaldo entrou em campo dezenove vezes e Dunga e Taffarel vêm logo atrás, com dezoito jogos. Ao lado de Castilho, Nílton Santos, Djalma Santos, Mauro, Pelé, Leão e Ronaldo, esteve em quatro Copas do Mundo — outra marca a ser batida. Por fim, foi o capitão brasileiro em onze partidas de Copa — é o líder dessa estatística ao lado de Dunga. Obrigado, Cafu. E, no caso de um não, continue a buscar o sim. Ele virá. ■

S&G/PA IMAGES/GETTY IMAGES

O Homem de Aço: um dos primeiros a cobrar arremessos laterais diretamente na grande área adversária, recurso hoje mais comum

DJALMA SANTOS

23 VOTOS

CLASSE E VITALIDADE

Sem jamais ter sido expulso, marcava com firmeza e esbanjava qualidade para atacar, sempre muito rápido. Ídolo de Lusa e Palmeiras, tornou-se também uma lenda pelo lado direito da seleção

NASCIMENTO
27 de fevereiro de 1929, em São Paulo

MORTE
23 de julho de 2013, em Uberaba (MG)

JOGOU POR
Portuguesa, Palmeiras e Athletico (PR). Conquistou dois Torneios Rio-São Paulo pela Lusa, três Campeonatos Brasileiros e três Paulistas pelo Palmeiras, entre outras taças.

PELA SELEÇÃO
atuou em 113 jogos e participou das Copas de 1954, 1958, 1962 e 1966

DEJALMA DOS SANTOS

Na adolescência, o paulistano Djalma Santos sonhava em ser piloto da Força Aérea. Um acidente quando trabalhava numa fábrica de calçados, no entanto, arrebentou-lhe os ossos da mão direita e o impediu de tirar a licença para voar. Curiosamente, a força manual seria uma de suas marcas registradas ao se lançar num esporte essencialmente jogado com os pés: foi um dos primeiros atletas a cobrar laterais diretamente na grande área dos adversários, recurso que voltou a ser explorado nos últimos anos. "Djalma Santos põe, em seu arremesso lateral, toda a paixão de um Cristo Negro", definiu o poeta e dramaturgo Nelson Rodrigues.

O Homem de Aço aliava força física e elegância para jogar na lateral — começou a carreira como meia, mas acabou virando craque na defesa. Dividia firme, de forma leal, tanto que jamais foi expulso de campo, e tinha boa técnica para sair jogando. Sua serenidade contrastava com a descompostura de Mané Garrincha, seu eterno companheiro pelo lado direito da seleção brasileira. Por serem tão diferentes, criavam uma mistura perfeita. Juntos, ganharam duas finais de Copa do Mundo.

Em 1958, na Suécia, Djalma participou apenas da decisão contra os anfitriões, na vaga do lesionado De Sordi. Bastaram noventa minutos para que fosse coroado com o prêmio da Fifa de melhor da posição no torneio. "Dei sorte", costumava dizer, sempre com muita humildade. Em 1962, no Chile, titular absoluto, voltou a festejar o título. Participou também das Copas de 1954 e 1966 e encerrou sua trajetória internacional como um dos maiores de todos os tempos.

Foi o único brasileiro a atuar pela seleção da Fifa no duelo que marcou o centenário da Federação Inglesa, em 1963, em Wembley, ao lado de lendas como Lev Yashin, Alfredo Di Stéfano, Ferenc Puskás e Eusébio. Pelé foi chamado, mas estava contundido e ficou de fora.

Djalma Santos é também um ídolo histórico da Portuguesa, clube pelo qual atuou de 1949 a 1958, a melhor fase da história da Lusa, e do Palmeiras, onde também ajudou a compor um time glorioso, entre 1959 e 1968. Encerrou a carreira no Athletico (PR), aos 42 anos, idade incrivelmente avançada para a época, mais uma prova de seu vigor físico. A carreira de treinador não decolou e Djalma viveu seus últimos anos como dono de uma escola de futebol em Uberaba, no interior de Minas Gerais. Morreu aos 84 anos, em decorrência de uma pneumonia seguida por parada cardiorrespiratória. ■

A TAÇA DO MUNDO É DELE

O fenomenal defensor do Vasco e do São Paulo ajudou a tirar o Brasil da mania de perder com um gesto definitivo, reverenciado até por reis. O primeiro título mundial tem a cara de um jogador elegante e reservado

Para muito além do futebol, o gesto do zagueiro Hilderaldo Luís Bellini de erguer a Jules Rimet acima da cabeça, em 1958, tem um aspecto histórico com H maiúsculo, uma conotação sociológica que ajuda a entender o Brasil. Até então, na definição arguta do dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues, éramos um país de vira-latas, incapazes de vencer — no gramado ou fora dele. Então veio o primeiro título mundial e a taça. "Na verdade não sabia o que fazer com ela quando a recebi do rei Gustavo", dizia Bellini, sempre que levado a relembrar daquele momento. "Na cerimônia de entrega, a confusão era grande, havia muitos fotógrafos procurando uma melhor posição. Foi então que alguns deles, os mais baixinhos, começaram a gritar, pedindo que eu erguesse a taça. E a ergui."

Outra imagem, talvez menos conhecida, mas bonita, é a tradução mais adequada daquela transição — da "vira-latice" para o pedigree de classe. Nela, o rei delicadamente transfere a posse da peça de ouro ao capitão, como quem diz: "É de vocês, deixem de sempre lamentar as derrotas". A Jules Rimet, depois do tri, seria roubada, em muitos momentos a seleção brasileira voltou a se sentir como quem anda pelas ruas sem dono, mas o elegante e magistral beque do Vasco, do São Paulo e do Athletico (PR) virou símbolo do que sempre desejávamos ser — e, nos campos, chegamos realmente a ser. Bellini foi tão grande que, mesmo depois de morto, continua a fazer o bem. Seu cérebro foi doado pela família para ajudar em minuciosas pesquisas em torno dos efeitos das cabeçadas na bola e entre jogadores. A taça é de Bellini. ■

O rei Gustavo, da Suécia, passa a Jules Rimet a seu novo dono: a glória no Estádio Rasunda, depois do título em 1958

REPRODUÇÃO

BELLINI

72 VOTOS

TITULAR

NASCIMENTO
7 de junho de 1930, em Itapira (SP)

MORTE
20 de março de 2014, em São Paulo

JOGOU POR
Vasco (1952-1961), São Paulo (1962-1967) e Athletico (PR) (1968-1969)

PELA SELEÇÃO
fez 51 partidas. Foi capitão no título de 1958, pelo qual recebeu uma estátua como homenagem no Maracanã. Em 1962, ficou no banco

HILDERALDO LUÍS BELLINI

COLECIONADOR DE TROFÉUS

Em junho de 1962, ele levantou a Jules Rimet após o Brasil conquistar o bi, no Chile. Menos de quatro meses depois, repetiu a dose com o Santos, campeão do mundo. Eis uma amostra, apenas

Imagine jogar sete temporadas num time e ganhar dezessete títulos (mais de dois por ano), com direito a Mundial de Clubes, Libertadores e cinco Brasileiros consecutivos. E ainda jogar pela seleção brasileira, se tornar o capitão e levantar a taça Jules Rimet após conquistar o bicampeonato. Pois este é um pequeno resumo do que foi a carreira do zagueiro Mauro Ramos de Oliveira, ídolo do São Paulo e do Santos. Como se não bastasse, atuava com tanta classe e elegância (e vestia-se com garbo fora do campo) que ganhou o apelido de Marta Rocha, em homenagem à baiana que venceu o concurso de Miss Brasil em 1954.

Mauro estreou pelo São Paulo em 1948 e foi campeão paulista quatro vezes (1948, 1949, 1953 e 1957). Foi convocado para a seleção em três Copas seguidas (1950, 1954 e 1958), mas permaneceu na reserva, o que muitos consideram uma tremenda injustiça. Depois de quase doze anos e 492 partidas pelo Tricolor, transferiu-se para o Santos, no início de 1960, e passou a colecionar troféus. Com sua saída de jogo segura e a forte liderança sobre todo o sistema defensivo daquele inesquecível esquadrão, logo se tornou o capitão do time.

No dia 17 de junho de 1962, quando o Brasil derrotou a Checoslováquia por 3 a 1, na final, e conquistou a Copa do Mundo pela segunda vez consecutiva, Mauro estava pela quarta vez no torneio, era finalmente titular e também o capitão da seleção — e repetiu o gesto de usar as duas mãos para levantar a Jules Rimet sobre a cabeça, criado e imortalizado por Bellini quatro anos antes. Em 11 de outubro, menos de quatro meses depois, recebeu outro troféu de campeão mundial, após o 5 a 2 do Santos sobre o Benfica em pleno Estádio da Luz, em Lisboa, capital de Portugal.

Com 1,81 metro de altura e 75 quilos, era conhecido pelo porte atlético e pela técnica requintada, mas nunca teve medo de cara feia — os santistas não esquecem sua firmeza na decisão do Mundial Interclubes de 1963, contra o Milan, da Itália. Se todos lembram que aquele Santos tinha Zito, Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe do meio para a frente, o que dizer da defesa, com Gylmar, Lima, Mauro, Calvet e Dalmo?

Em 1967, foi para o Toluca, do México, onde jogou por duas temporadas. Pendurou as chuteiras e trabalhou como técnico até 1974 (comandou o Santos em 78 partidas entre 1971 e 1972, com 39 vitórias, 24 empates e 15 derrotas). Aposentado, voltou a morar em Poços de Caldas, sua cidade natal. Lutava contra um câncer de estômago quando morreu, em setembro de 2002. ■

O capitão brasileiro fez o mesmo gesto de Bellini na festa do bicampeonato, no Chile: mais de vinte títulos na carreira

ACERVO/GAZETA PRESS

MAURO
53 VOTOS

NASCIMENTO
30 de agosto de 1930, em Poços de Caldas (MG)

MORTE
18 de setembro de 2002, em Poços de Caldas (MG)

JOGOU POR
São Paulo, Santos e Toluca (México). Pelo Tricolor, foi quatro vezes campeão paulista. Em oito anos no Alvinegro Praiano, ganhou dezessete títulos (mais de dois por temporada, em média), entre eles duas Libertadores e dois Mundiais (em 1962 e 1963), cinco Brasileiros (de 1961 a 1965), três Torneios Rio-São Paulo e cinco Paulistas. Foi ainda campeão mexicano em 1968

PELA SELEÇÃO
esteve em quatro Copas do Mundo (1950, 1954, 1958 e 1962). Na última, era titular e o capitão quando o Brasil se tornou bicampeão. Entrou em campo 30 vezes com a camisa canarinho. Ganhou também o Sul-Americano de 1949

MAURO RAMOS DE OLIVEIRA

O Chevrolet: rápido como um carro, enlouquecia os treinadores

ARRANCADAS ESPETACULARES

Ele nunca se conformou em ser só um beque. Dono de arrancadas inesquecíveis, foi apontado por Pelé como o melhor central do mundo

O velho clichê de que "zagueiro é para zagueirar" jamais funcionou para Luís Pereira. O baiano de Juazeiro marcou época nas décadas de 70 e 80 com um estilo tão arrojado quanto incomum para um defensor. Tornaram-se inesquecíveis suas arrancadas rápidas com a bola nos pés, habilidoso, sempre em disparada rumo ao campo de ataque.

LUÍS PEREIRA

24 VOTOS

NASCIMENTO
21 de junho de 1949, em Juazeiro (BA)

JOGOU POR
São Bento, Palmeiras, Atlético de Madrid (Espanha), Flamengo, Portuguesa, Santo André, Corinthians, Central de Cotia, São Caetano e São Bernardo. Entre os títulos mais relevantes estão três Brasileiros (1969, 1972 e 1973), dois Paulistas (1972 e 1974), uma Copa do Rei (1976), um Campeonato Espanhol (1977) e um Carioca (1981)

PELA SELEÇÃO
participou da Copa de 1974. Fez 35 jogos e conquistou o Mundialito de Cali, em 1977

LUÍS EDMUNDO PEREIRA

Aos berros, treinadores como Oswaldo Brandão, que o dirigia no Palmeiras, ameaçavam tirar o atleta do jogo caso passasse do meio de campo. Por vezes, Luisão chegava até a linha do círculo central, entregava a bola a um companheiro e olhava sorrindo para o banco de reservas. A ousadia veloz lhe rendeu o apelido de Chevrolet no início de carreira, mas o elogio de que mais se orgulha foi dado por Pelé, anos depois, quando o Rei o classificou como "o melhor zagueiro do mundo".

Luís Pereira começou a carreira no São Bento, de Sorocaba, e chegou ao Palmeiras aos 19 anos. Foi protagonista na conquista de três Campeonatos Brasileiros pelo clube. Disputou 568 jogos e marcou 35 gols, até hoje a maior marca de um defensor pelo time alviverde. O segundo colocado na lista é Salvador Loschiavo, que fez 31 atuando pelo antigo Palestra Itália nas décadas de 20 e 30.

Ele chegou à seleção brasileira em 1973 e disputou como titular a Copa da Alemanha no ano seguinte, ao lado dos também palmeirenses Leão, Leivinha, Ademir da Guia e César. Em 35 partidas com a amarelinha, conquistou 21 vitórias, onze empates e sofreu somente três derrotas, a mais dolorida delas para a Holanda do gênio Johan Cruyff, na fase semifinal daquele Mundial, quando foi expulso de campo. Conquistou só um título com a canarinho, o Mundialito de Cali, em 1977.

Depois da passagem vitoriosa pelo Palmeiras, foi vendido para o Atlético de Madrid, em 1975. Ali ganhou os apelidos de "El Mago" e "Zagueiro Espetáculo". Virou ídolo na capital espanhola, mas decidiu voltar ao Brasil em 1979 para jogar por Flamengo, Palmeiras novamente, Portuguesa, Santo André, Corinthians, Central de Cotia, São Caetano e São Bernardo.

Continuou a driblar atacantes com suas arrancadas até 1997. Isso mesmo. O Chevrolet tinha inacreditáveis 47 anos quando final e infelizmente se aposentou. Cinco anos depois, retornou à Espanha para ser treinador das categorias de base do Atlético, para ensinar aos meninos que um zagueiro não precisa apenas zagueirar. ■

O DESTINO BATEU À PORTA

Ele estava fora do grupo que se preparava para a Copa de 1994, mas cortes e lesões na equipe o transformaram em titular — nos sete jogos do torneio nos Estados Unidos, brilhou com um futebol seguro e firme

Em campo pela seleção: encaixe perfeito com o companheiro de zaga, Márcio Santos

"Aldair foi o zagueiro mais habilidoso que já enfrentei, era um fenômeno." A frase de Ronaldo resume a classe do futebol de Aldair Nascimento dos Santos. Titular da seleção na Copa de 1994, teve uma atuação perfeita no torneio, o do tetra. Mas ele nem sempre foi unanimidade entre treinadores, torcedores e jornalistas. Revelado pelo Flamengo, destacou-se entre 1985 e 1989, foi ao Mundial de 1990, na Itália, como reserva, e passou a construir uma sólida carreira no futebol europeu. Em sua primeira temporada pelo Benfica, de Portugal, conquistou o título nacional e foi vice na Liga dos Campeões da Europa, perdendo a final para o Milan de Rijkaard, Van Basten e Gullit.

Para a Copa dos Estados Unidos, alimentava poucas esperanças de ser chamado. Tinha 28 anos e, um ano antes, havia sido submetido a uma cirurgia para reconstrução dos ligamentos do joelho direito, que o afastou por sete meses dos gramados. A sorte, o destino, os deuses do futebol — ou como quiser chamar — bateram à sua porta. Mozer, com hepatite, foi cortado. Aldair foi chamado, mas sabia que dificilmente teria espaço. A zaga titular era Ricardo Gomes e Ricardo Rocha. "Márcio Santos e eu treinávamos no time reserva", lembrou o zagueiro em entrevista a PLACAR *(leia mais no quadro da pág. ao lado)*. Gomes acabou cortado na fase de preparação, Rocha se machucou na estreia, contra a Rússia, e o caminho estava aberto para Aldair e Márcio Santos brilharem.

Nessa época, Aldair já era titular da Roma, clube pelo qual jogou durante treze anos. Ganhou o apelido de Pluto, por uma suposta semelhança com o personagem dos desenhos da Disney. Quando partiu para o pequeno Genoa, em 2003, o clube da capital italiana aposentou a camisa 6 (só voltaria a usá-la em 2014, depois que o zagueiro consentiu). Jogou muito, enfim. ■

NASCIMENTO
30 de novembro de 1965, em Ilhéus (BA)

JOGOU POR
Flamengo, Benfica (Portugal), Roma e Genoa (Itália), Rio Branco (ES) e Murata (San Marino)

PELA SELEÇÃO
fez 93 partidas; ganhou a Copa América em 1989 e 1997 e a Copa do Mundo de 1994

ALDAIR SANTOS DO NASCIMENTO

RICARDO CORREA

"A COPA AMÉRICA DE 1989 PREMIOU UMA GERAÇÃO"

Carlos Alberto, Bellini, você e Nilton Santos. Que tal?
É como um sonho. Desde que comecei a jogar futebol, escutava sempre cada um desses nomes. Depois, virei profissional e criei enorme admiração por todos eles. É muita pretensão imaginar como seria atuar em conjunto, mas certamente a experiência seria incrível para mim.

Sente falta de alguém na seleção titular de todos os tempos escolhida pelos jurados de PLACAR? Sempre vai faltar alguém, por mais que a qualidade mude pouco nesse nível de excelência. O Roberto Carlos, por exemplo, poderia estar. Dos que vi jogar, cito também o Oscar e o Luizinho, adorei ver os dois juntos em 1982. O Luizinho, por sinal, inspirou minha carreira, eu o colocaria. Eram fenômenos na zaga, assim como o Luís Pereira.

Quem foi seu melhor parceiro na seleção brasileira? Pela conquista do Mundial em 1994, nos Estados Unidos, ficou marcada a dupla que fiz com o Márcio Santos, por mais que a gente não tenha feito muitos jogos juntos. Naquela época, treinávamos entre os reservas, para marcar Romário e Bebeto. Assim, no time principal, não tivemos dificuldades. O Márcio era muito bom em bolas aéreas.

Como você responde aos críticos do futebol apresentado por aquele time? Respeito a opinião de todos, mas o resultado fala tudo. Fomos inteligentes, jogamos num esquema perfeito para o calor que fazia. O Parreira foi muito bem.

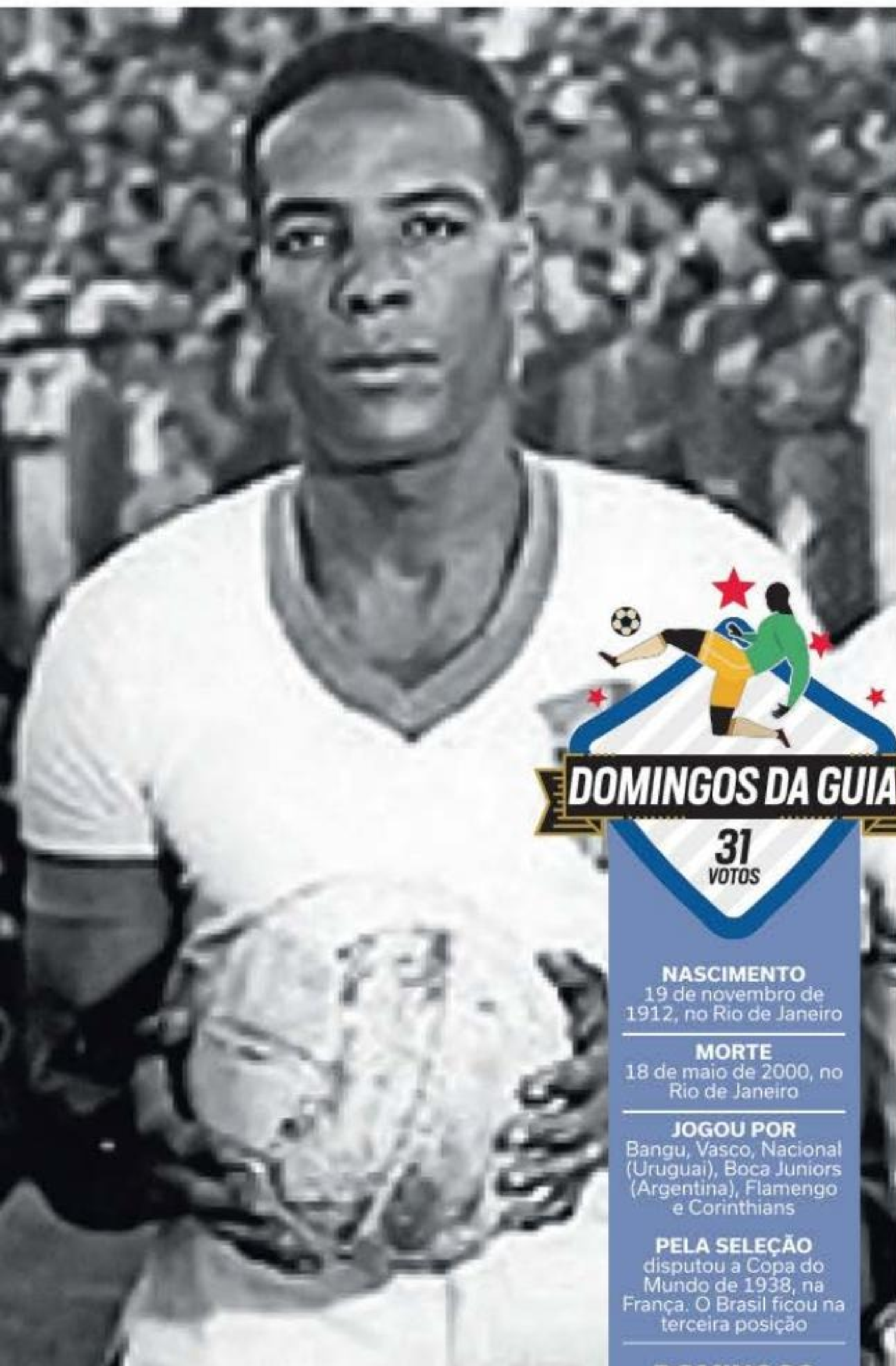
Qual jogo mais marcou sua trajetória na seleção? Toda a campanha da Copa América de 1989, no Brasil. Aquela conquista premiou uma geração.

E há algum que você gostaria de esquecer? O meu pior jogo, sem dúvida, foi contra a Itália, durante a preparação para a Copa de 1998, empate em 3 a 3. Fiz pênalti, gol contra... Que dia. Outro que eu apagaria, se pudesse, é o da final contra a França. Aquele 3 a 0 doeu.

Quem você considera como seu herdeiro na seleção? Pelo estilo de jogo parecido, cito o Juan e o Thiago Silva. Assim como eu, eles venceram uma desconfiança grande na Europa contra zagueiros brasileiros. O Edinho, quando foi para a Udinese, ajudou a abrir essa porta. Todos viram que os brasileiros não são bons só no drible. Chegamos lá e fizemos a diferença, abrimos mercado.

Klaus Richmond

IMORTALIZADO EM VERBETE DE DICIONÁRIO

E lá ia o Divino Mestre driblando os atacantes para afastar o perigo de sua área, com elegância — era a "domingada", lance que uma injustiça histórica fez pejorativo. Coisa de gênio

DOMINGOS DA GUIA

31 VOTOS

NASCIMENTO
19 de novembro de 1912, no Rio de Janeiro

MORTE
18 de maio de 2000, no Rio de Janeiro

JOGOU POR
Bangu, Vasco, Nacional (Uruguai), Boca Juniors (Argentina), Flamengo e Corinthians

PELA SELEÇÃO
disputou a Copa do Mundo de 1938, na França. O Brasil ficou na terceira posição

DOMINGOS ANTÔNIO DA GUIA

DIVULGAÇÃO

O pai de Ademir da Guia: expulso de campo na semifinal da Copa de 1938, contra a Itália

"Eu vou pelo atalho", dizia o carioca Domingos da Guia, para explicar como roubava a bola dos atacantes quase sem se mexer, como se não fizesse esforço. E, a redonda nos pés, lá ia ele, dentro da grande área, muitas vezes da pequena área, driblando com rapidez e segurança, afastando o perigo. Essa jogada, técnica e ousada, ficou conhecida como "domingada". Virou sinônimo de saída elegante. O tempo, associado a uma imensa injustiça histórica, fez o lance ganhar contornos pejorativos. Tudo porque, na semifinal da Copa do Mundo de 1938, o Brasil perdia para a Itália por 1 a 0 quando o grande zagueiro não resistiu às provocações do atacante Piola e, fora do lance, revidou. Foi expulso e o Brasil perdeu por 2 a 1. E, então, o truque de Da Guia ganhou outra conotação. Aparece assim, no Houaiss: "**domingada** s.f. tentativa desastrosa de realizar uma jogada defensiva difícil, do estilo de Domingos da Guia, jogador de futebol da seleção brasileira entre os anos de 1931 e 1947, que driblava da própria área". Nada, contudo, que manchasse a imagem do Divino Mestre, como foi eternizado.

Tratá-lo com tanto respeito foi hábito desde seu primeiro clube, o Bangu, passando por Vasco, Nacional do Uruguai, Boca Juniors da Argentina, Flamengo e Corinthians. Ele está na letra do hino do Bangu: "O Bangu tem também a sua história, a sua glória / enchendo seus fãs de alegria / De lá pra cá / Surgiu Domingos da Guia / Em Bangu, se o clube vence há na certa um feriado". Quando foi transferido para o Nacional, a torcida da equipe de Montevidéu chiou. Para que o brasileiro, se havia o fenomenal beque Nasazzi, intransponível capitão? Foi assim na chegada do carioca. Quando ele fez as malas, a imprensa uruguaia não teve dúvida: "Agora sim sabemos o verdadeiro significado da palavra zagueiro". Não bastasse tanta qualidade, apesar de ter chegado apenas ao terceiro lugar em uma Copa, Domingos da Guia tem um outro mérito inigualável: era pai de Ademir da Guia, não por acaso também apelidado de Divino, o maior jogador da história do Palmeiras. Domingos morreu em 2000, aos 87 anos. ■

FACILIDADE PARA DESARMAR

De estilo clássico e altamente técnico, ele brilhou pela Ponte Preta e pelo São Paulo. Ficou conhecido por ser um defensor capaz de passar um jogo todo sem fazer uma falta sequer

J.B. SCALCO

No auge da carreira, em 1982, destacou-se nos gramados da Espanha: titular incontestável de uma seleção brasileira inesquecível

Poucos jogadores saíram diretamente de clubes do interior para brilhar com a camisa canarinho. Oscar é um deles. Zagueiro da Ponte Preta desde 1973, era conhecido pela facilidade de desarmar os adversários sem cometer faltas. Fez parte da grande equipe campineira, vice-campeã do Paulista de 1977, derrotada pelo Corinthians a muito custo. Fazia dupla com outro excelente jogador, Polozzi. Oscar foi titular da seleção brasileira na Copa de 1978 — aquela em que o técnico Claudio Coutinho disse termos sido "campeões morais", sem derrotas e um nobre terceiro lugar (a campeã, em casa, foi a Argentina). Quatro anos depois, no Mundial de 1982, o craque estava entre os onze do supertime montado por Telê Santana que encantou o planeta (sim, aquele com Falcão, Zico, Sócrates, Júnior e companhia). Mais uma vez, Oscar exibiu sua elegância nos gramados espanhóis, com atuações impecáveis. Nos minutos finais da fatídica derrota para a Itália, no Estádio Sarriá, deu uma cabeçada que tinha endereço certo e poderia representar o empate da classificação, mas foi bloqueada pelo grande goleiro Dino Zoff. Como na história não vale o se..., deu no que deu. Esteve também na Copa de 1986, no México, mas como reserva.

Por vários anos a Ponte recusou ofertas por Oscar. Palmeiras e Corinthians chegaram a "garantir" sua contratação, em momentos diferentes. Em 1979, o clube de Campinas acabou cedendo aos dólares do Cosmos, de Nova York, mas a aventura por terras gringas durou apenas sete meses e logo ele estava de volta ao país, para brilhar com a camisa do São Paulo, onde ficou de 1980 até 1987. Nesse período, foi quatro vezes campeão paulista e conquistou também o Brasileirão de 1986. Ainda jogou por três temporadas no Nissan Motor, do Japão, onde encerrou a carreira, em 1990 — já na condição simultânea de jogador e treinador.

Aposentado dos gramados, trabalhou por dez anos como técnico. Além do Nissan, comandou a Inter de Limeira, o Guarani, por duas vezes, o Al-Hilal, da Arábia Saudita, o também japonês Kyoto Sanga e o saudita Al-Shabab Riad. No fim de 2014, foi chamado por Dunga para ser um "auxiliar pontual" da seleção brasileira em dois jogos amistosos, contra Turquia e Áustria. Levava para a beira do gramado, sempre calado, reservado, o estilo classudo e altamente técnico, capaz de passar um jogo inteiro sem cometer uma falta sequer. Fez história nos anos 1970 e 1980, e é lembrado até hoje. ■

OSCAR

20 VOTOS

NASCIMENTO
20 de junho de 1954, em Monte Sião (MG)

JOGOU POR
Ponte Preta, New York Cosmos (Estados Unidos), São Paulo e Nissan Motor (Japão). Foi tetracampeão paulista, em 1980, 1981, 1985 e 1987, e campeão brasileiro, em 1986. Ganhou a Bola de Prata de PLACAR em 1977

PELA SELEÇÃO
disputou 67 jogos, com 47 vitórias, 11 empates e 9 derrotas. Marcou 2 gols, um deles contra a Escócia na Copa de 1982, quando era titular do time que encantou o mundo. Esteve também nas Copas de 1978 e 1986

JOSÉ OSCAR BERNARDI

A ENCICLOPÉDIA

Pioneiro entre os defensores que atacavam, ele sabia tudo e mais um pouco de futebol, daí o apelido que o eternizou, e que representa à perfeição as qualidades de um gênio

A história é conhecida, mas vale sempre repeti-la. Na estreia da Copa do Mundo de 1958, o Brasil vencia a Áustria por 1 a 0 quando o lateral-esquerdo Nilton Santos se lançou ao ataque. Ninguém fazia isso. Zagueiros marcavam, meias armavam o jogo, atacantes tentavam fazer gols. Conta-se que o técnico Vicente Feola ficou possesso. "Volta, Nilton", gritava ele. "Volta, Nilton". Mas Nilton não voltou. Quando já estava dentro da grande área, chutou: 2 a 0. "Boa, Nilton", passou a repetir o treinador. A partida terminou com mais um gol para o Brasil, no início da caminhada rumo ao primeiro campeonato mundial. Nilton já era um jogador consagrado, lateral do Botafogo, seu único time profissional, desde 1948. Mostrou, naquele lance, por que foi um revolucionário do esporte, por que a alcunha de A Enciclopédia do Futebol era a mais perfeita definição de suas qualidades. Armando Nogueira, com suas hipérboles, escreveu certa vez que Nilton Santos "não era um jogador de futebol, era uma exclamação". Zagallo, que atuou com ele pelo Botafogo e pela seleção, disse que "só é preciso vê-lo jogar por cinco minutos para perceber que sabia tudo sobre futebol". Garrincha, quando foi fazer um teste no Botafogo, deu um calor no grande lateral. "Levei um baile, pedi que o contratassem porque nunca mais queria enfrentá-lo de novo", admitiu Nilton Santos.

Pelo alvinegro carioca, seu clube do coração, fez 723 partidas. Pela seleção, é um dos seis atletas que participaram de quatro Copas do Mundo (ao lado de Cafu, Castilho, Leão, Pelé e Ronaldo). Em 2000, foi eleito pela FIFA o melhor lateral-esquerdo de todos os tempos. Tinha Alzheimer e, aos 88 anos, morreu de infecção pulmonar, em 2013. Quatro anos antes, o Botafogo havia inaugurado uma estátua em sua homenagem, na frente do estádio — que mais tarde seria rebatizado de Nilton Santos. ■

Fidelidade: de 1948 a 1964, vestiu apenas duas camisas, a canarinho e a do Botafogo

NASCIMENTO
16 de maio de 1925, no Rio de Janeiro

MORTE
27 de novembro de 2013, no Rio de Janeiro

JOGOU POR
Botafogo, e apenas no Botafogo, de 1948 a 1964. Fez 723 partidas. Foi campeão carioca em 1948, 1957, 1961 e 1962

PELA SELEÇÃO
esteve em quatro Copas do Mundo (1950, 1954, 1958 e 1962). Nas duas últimas, foi bicampeão. É um dos atletas que mais vezes vestiu a camisa canarinho: 86 vezes, com 4 gols. Foi ainda campeão Sul-Americano em 1949 e Pan-Americano em 1952

NILTON DOS SANTOS

ALBERTO FERREIRA

NEM A FÍSICA EXPLICA

O preparo atlético, a potência e os efeitos espantosos dos chutes de longa distância intrigaram os cientistas — características singulares de um dos maiores laterais jamais vistos

De tão impressionante, o gol de falta de Roberto Carlos contra a França, em 1997, aquele da pancada que chegou a 130 quilômetros por hora e fez uma curva assombrosa e impossível antes de morrer no fundo das redes, acabou virando objeto de estudo. E ganhou até nome: "Banana shot", já que a trajetória da bola lembra o formato da fruta. Cientistas do *New Journal of Physics* decretaram que aquele chute pode até ser repetido, um dia, sabe-se lá quando e por quem, mas será quase impossível. O próprio lateral-esquerdo afirmou que nunca tentou refazer a batida porque sabia que não conseguiria acertar. O momento é dos mais icônicos e celebrados da vitoriosa carreira de um atleta conhecido pela forma física e velocidade invejáveis e pelos chutes potentes, quase assustadores de tão fortes — vários acabaram em golaços tão bonitos quanto aquele levado ao pódio.

Roberto Carlos foi revelado em 1991 pelo União São João, time do interior de São Paulo, e após uma breve passagem pelo Atlético Mineiro chegou ao Palmeiras, para fazer parte do timaço bicampeão brasileiro de 1993 e 1994. Foi para a Internazionale de Milão em 1995, mas ficou apenas uma temporada, por causa da teimosia do técnico inglês Roy Hodgson, que insistia em escalá-lo como ponta-esquerda. A transferência para o Real Madrid não poderia ter vindo em hora mais adequada. Ganhou tudo o que podia nos onze anos com os Galáticos e foi eleito pelos torcedores como o melhor lateral-esquerdo da história merengue.

Pela seleção brasileira, fez muito. É o segundo jogador com mais partidas vestindo a amarelinha, só atrás do contemporâneo Cafu. Seu auge chegou em 2002, quando foi peça-chave do esquema de Felipão na conquista do penta, nos gramados da Coreia do Sul e do Japão.

Antes da última partida oficial, pelo Delhi Dynamos, da Índia, aos 42 anos, defendeu as cores do Fenerbahçe, da Turquia, e do Anzhi Makhachkala, da Rússia, além de um rápido retorno ao Brasil para fazer uma parceria com Ronaldo no Corinthians, em 2010. Não funcionou. E, no entanto, mesmo naquela breve temporada alvinegra, veterano, esteve muito bem fisicamente. É permanência que nem mesmo a física explica. Roberto Carlos foi um monstro do futebol. ■

PISCO DEL GAISO

O camisa 6, ao celebrar o gol de falta impossível contra a França: o segundo jogador que mais vezes vestiu a camisa da seleção brasileira

ROBERTO CARLOS

53 VOTOS

NASCIMENTO
10 de abril de 1973, em Garça (SP)

JOGOU POR
União São João, Atlético (MG), Palmeiras, Internazionale (Itália), Real Madrid (Espanha), Fenerbahçe (Turquia), Corinthians, Anzhi (Rússia) e Delhi Dynamos (Índia). Conquistou o bicampeonato Paulista e Brasileiro com o Palmeiras em 1993 e 1994. Pelo Real Madrid, venceu quatro vezes o Campeonato Espanhol e três vezes a Liga dos Campeões

PELA SELEÇÃO
Participou de três Copas (1998, 2002 e 2006). Foi campeão do mundo em 2002. Disputou 132 jogos e marcou 10 gols

ROBERTO CARLOS DA SILVA ROCHA

DE VETERINÁRIO A MAESTRO

O Capacete quase seguiu outra profissão antes de ser eternizado no Flamengo e na seleção, símbolo de uma geração inesquecível

Filho de empresário e frequentador de bons colégios, o sonho de adolescente de Leovegildo Lins Gama Junior era se tornar veterinário. Reprovado no vestibular, iniciou o curso de administração de empresas na Universidade Candido Mendes. Paralelamente, topou um convite do ex-jogador Modesto Bria para um teste no Flamengo, já com 19 anos. O futebol, então, entrou definitivamente em sua vida, apesar da insistência da mãe para que continuasse os estudos.

E, uma vez Flamengo, sempre Flamengo. Com 876 jogos, o lateral-esquerdo de origem, que ensaiou outras posições, é o jogador que mais vezes defendeu o clube (o segundo é Zico, com 732 partidas). Participou de 42 títulos, empatado com Zico

JUNIOR

19 VOTOS

NASCIMENTO
29 de junho de 1954, em João Pessoa (PB)

JOGOU POR
Flamengo, Torino e Pescara (ambos da Itália). Entre os títulos mais relevantes estão uma Libertadores (1981), um Mundial (1981), quatro brasileiros (1980, 1982, 1983 e 1992), uma Copa do Brasil (1990) e cinco cariocas (1974, 1978, 1979, 1981 e 1991)

PELA SELEÇÃO
participou das Copas de 1982 e 1986. Fez 82 jogos e marcou 8 gols

LEOVEGILDO LINS GAMA JUNIOR

como o maior vencedor da Gávea. O primeiro título foi o Carioca de 1974 e o último, o Brasileiro de 1992. Pela seleção, foi titular nas Copas de 1982 e 1986. Na Espanha, o Capacete (apelido que ganhou devido ao arrojado corte black power) marcou um dos gols da vitória por 3 a 1 sobre a Argentina de Maradona. No México, quatro anos depois, chegou longe da forma ideal.

No exterior, jogou sete anos na Itália. Foi ídolo de Torino (1984-1987) e Pescara (1987-1989), antes de ouvir o apelo do filho Rodrigo, então com 5 anos, que queria ver o pai jogar no Maracanã. O desfecho triunfal foram os gols nas duas finais do Brasileiro de 1992, contra o Botafogo. A comemoração girando os braços no ar e pulando, sem esconder os cabelos já grisalhos, após o gol de falta no segundo jogo, está entre as imagens marcantes e inesquecíveis de sua carreira.

Também conhecido pelos apelidos de Vovô-Garoto e Maestro, deixou os gramados e atuou por longos anos pela seleção brasileira de beach soccer. Hoje é comentarista da Globo. A bola, o Flamengo, a seleção e o futebol só têm a agradecer a Junior. ■

Em 1986, contra a França: outra chance perdida de levar o Brasil à semifinal

SERGIO SADE

A ELEGÂNCIA DO PRÍNCIPE ETÍOPE

Em 1958 e 1962 a bola só chegava ao ataque, limpa e redondinha, depois de ter sido devidamente carimbada por um dos melhores armadores de todos os tempos, louvado internacionalmente

Direto ao ponto: sem Didi, não teria havido Pelé, Garrincha, Vavá e Amarildo. Sem Didi, o maior armador de todos os tempos, reconhecido mundialmente, é possível que os gols do bicampeonato na Suécia e no Chile, em 1958 e 1962, fossem mais escassos. Em outras palavras: nunca houve um meia-direita como Waldir Pereira, jogador do Botafogo e do Fluminense — e que depois faria extraordinária carreira também como treinador, inclusive da seleção do Peru, na Copa de 1970. Sem Didi, o cronista e dramaturgo Nelson Rodrigues deixaria de produzir alguns de seus mais saborosos e líricos textos, como o que ele escreveu a respeito do elegante gênio, na Copa de 1962, logo depois da vitória por 4 a 2 contra o Chile, o dono da casa: "Eis o que os jornais diziam, em letras garrafais, tomando todo o alto da página: 'Com Didi ou sem Didi, os brasileiros farão pipi'. A palavra pipi, transmitida num berro gráfico, era de arrepiar. Ora, o escrete brasileiro tem seus negros plásticos, folclóricos, divinos. Há, no citado Didi, por exemplo, toda a dignidade racial de um príncipe etíope de rancho". O Príncipe Etíope, não bastasse ser príncipe, foi autor do gol inaugural do Maracanã, em 1950, e inventor da folha seca — a bola a subir e cair bruscamente, estufando as redes. Didi morreu em 2001, aos 72 anos. Sobre seu caixão estavam as bandeiras do clube da estrela solitária e do tricolor das Laranjeiras. A comoção pela morte do craque ecoou uma frase de Neném Prancha, o treinador e olheiro afeito a filosofar em português: "Quem vê o Didi na rua, sem saber do que se trata, logo pensa: aquele crioulo dever ser um troço na vida". ■

Balé: o corpo em movimento, como se jogasse de terno e gravata

TITULAR

NASCIMENTO
8 de outubro de 1928, em Campos (RJ)

MORTE
12 de maio de 2001, no Rio de Janeiro

JOGOU POR
Americano, Lençoense, Madureira, Fluminense, Botafogo, Real Madrid (Espanha), Sporting Cristal (Peru), Vera Cruz (México) e São Paulo

PELA SELEÇÃO
disputou as Copas de 1954, 1958 e 1962; bicampeão do mundo, fez 20 gols em 68 partidas

WALDIR PEREIRA

ALBERTO FERREIRA

O camisa 8 contra a Itália, na final da Copa de 1970: um gol e talvez o melhor no gramado do Azteca

LEMYR MARTINS

AGORA EU VI VANTAGEM

E lá vinha o Canhotinha de Ouro com seus lançamentos de mais de 40 metros, como se colocasse a bola onde quisesse, com as mãos. Em 1970, ele foi o grande maestro

Ele começou a jogar profissionalmente pelo Flamengo, em 1959. Depois de quatro anos (e um título carioca), passou para o Botafogo, onde brilhou por mais seis temporadas (com direito a mais dois troféus estaduais, dois Torneios Rio-São Paulo e a Taça Brasil de 1968). Em seguida, foi desfilar sua categoria pelo São Paulo, onde ganhou o Paulistão por dois anos seguidos. Voltou ao Rio para comandar o Fluminense, entre 1972 e 1974.

Em campo, era craque, gênio, monstro. Com sua canhotinha de ouro, fazia lançamentos espetaculares, deixando os companheiros na cara do gol. Sem a bola, comandava o time, falando sem parar, o que lhe rendeu o apelido de Papagaio.

GÉRSON
59 VOTOS

NASCIMENTO
11 de janeiro de 1941, em Niterói (RJ)

JOGOU POR
Flamengo, Botafogo, São Paulo e Fluminense — em todos os clubes foi campeão

PELA SELEÇÃO
foram 87 jogos e 19 gols; tricampeão do mundo em 1970, esteve também na Copa de 1966

GÉRSON DE OLIVEIRA NUNES

Foi a duas Copas do Mundo com a seleção brasileira: o fracasso na Inglaterra, em 1966, e a glória no México, em 1970, quando conseguiu a proeza de ser um grande destaque naquele que é considerado o maior esquadrão de todos os tempos. Em 1976, já aposentado, foi chamado a fazer um comercial de cigarros. Famoso por fumar até nos vestiários, no intervalo das partidas, Gérson aparecia na TV dando suas tragadas. No final, dizia: "Eu gosto de levar vantagem em tudo", numa referência ao preço (mais baixo) do maço em questão. Por muitos anos, o cracaço ficou estigmatizado pela famigerada Lei de Gérson — muleta para os malandros de plantão, especialmente os de colarinho branco, só interessados em levar alguma vantagem. Felizmente, o tempo passou e o que ficou foi a imagem do maravilhoso camisa 10, ídolo dos quatro grandes clubes pelos quais atuou. No ano passado, para celebrar os 50 anos do Tri, os jogos do Mundial de 1970 foram reprisados na TV a cabo. E todos (jovens ou já fanáticos torcedores naquele tempo) pudemos descobrir (ou relembrar) como Gérson jogava. Agora, sim, a vantagem ficou clara. ■

O INOVADOR DA CAMISA 5

Há mais de cinquenta anos, ele já jogava de um jeito moderno, marcando com firmeza, armando com habilidade e surpreendendo os adversários ao chegar no ataque para finalizar

O início daquela jogada maravilhosa é tão inesquecível quanto o chute perfeitamente calibrado do capitão Carlos Alberto Torres, no gol que fechou a campanha da conquista do mundial de 1970. Ainda no campo do Brasil, foram quatro dribles em sequência do volante Clodoaldo, o toque para Rivellino, passando por Jairzinho, até a assistência perfeita de Pelé. Há mais de cinquenta anos, Clodoaldo já era um volante moderno, capaz de defender, armar jogadas e, em momentos pontuais, surpreender a zaga adversária e aparecer na área para finalizar — o que alguns comentaristas chamariam hoje, um tanto pedantes, de "box-to-box" (de área a área, em português). Corró, apelido que ganhou ainda na infância, era mesmo um centromédio à frente de seu tempo.

CLODOALDO
11 VOTOS

NASCIMENTO
25 de setembro de 1949, em Itabaianinha (SE)

JOGOU POR
Santos, Tampa Bay Rowdies (Estados Unidos) e Nacional (AM). Entre os títulos mais relevantes estão um Campeonato Brasileiro (1968), cinco estaduais (1967, 1968, 1969, 1973 e 1978) e uma Recopa Intercontinental (1968)

PELA SELEÇÃO
participou da Copa de 1970, quando o Brasil foi tricampeão mundial. No total, atuou em 54 jogos e marcou 3 gols

CLODOALDO TAVARES SANTANA

Ele estreou pelo Santos em 1966, aos 16 anos. Com seu estilo arrojado, não só se entrosou logo como aparecia constantemente na frente para tabelar com Pelé, Pepe, Edu e cia. No início, usava a camisa 8. E jamais se esqueceu do momento em que, no vestiário antes de uma partida contra a Portuguesa, no Pacaembu, no ano seguinte à estreia, recebeu um toque nas costas e ouviu: "De hoje em diante, a 5 vai ser sua". Herdou a camisa histórica de Zito (que atuou pelo Peixe de 1952 a 1967) e a defendeu com brilho por mais uma década.

Pela seleção, estreou em 1968, Marcou um decisivo gol na virada sobre o Uruguai, pela semifinal da Copa de 1970, que finalmente espantou o fantasma do Maracanazo de vinte anos antes. Na ocasião, foi Gérson quem falou para ele subir ao ataque e surpreender a forte marcação uruguaia, uma estratégia que mudou o destino do jogo. "Ele me disse: 'O negócio está pegando para mim. Está difícil para dominar e fazer os lançamentos' ", lembra. A história de Clodoaldo poderia ter sido ainda maior na seleção. Em 1974, acabou cortado por lesão às vésperas do início da Copa, o atacante Mirandinha o substituiu. Os problemas no joelho impediram que sua carreira fosse mais longeva. ■

GERALDO GUIMARÃES

Corró: em 1970, um gol contra o Uruguai e os dribles sobre quatro italianos, no início do lance do quarto gol, na final

O OITAVO REI DE ROMA

Sucesso no Brasil, referência na Itália. O talento e a elegância do craque catarinense emocionaram amantes do futebol nos dois lados do Atlântico e fizeram dele um ídolo para torcedores de todo tipo — até mesmo o papa João Paulo II

Nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, a seleção brasileira fez uma campanha muito ruim: duas derrotas e apenas um empate. Apesar disso, um jovem meio-campista de cabelos loiros encaracolados encantou a imprensa. Falcão, cria das divisões inferiores do Internacional, de Porto Alegre, tinha uma elegância que chamava a atenção.

Apenas um ano depois, o jovem se tornou profissional e começou uma carreira de enorme sucesso — dos dois lados do Oceano Atlântico. De cara, foi campeão gaúcho em 1973, 1974, 1975 e 1976 (quando o Inter fechou a série de oito títulos consecutivos iniciada em 1969) e bicampeão brasileiro em 1975 e 1976 (quando ganhou a Bola de Ouro como melhor jogador do torneio e foi convocado pela primeira vez para a seleção brasileira principal). No início de 1977, apareceu sozinho na capa de PLACAR pela primeira vez, com a chamada "O titular de todo mundo". Porém, na Copa do Mundo realizada na Argentina, no ano seguinte, acabou barrado pelo técnico Cláudio Coutinho, apesar dos protestos da torcida e dos jornalistas.

Em 1979, o time colorado ganhou de forma invicta seu terceiro título nacional e Falcão se consagrou definitivamente no Brasil. Sua atuação na vitória sobre o Palmeiras por 3 a 2, na semifinal, no Morumbi, está entre as maiores de todos os tempos. Seis meses depois, numa das grandes transações registradas até então, transferiu-se para a Roma por 1,5 milhão de dólares e começou a conquistar também a Europa. Logo no primeiro ano, levou o clube giallorosso à vitória na Copa da Itália. Em seguida, fez parte de uma das mais inesquecíveis formações da seleção canarinho: o time que seduziu o mundo na Copa da Espanha, em 1982, e é lembrado até hoje pelo futebol vistoso e alegre, mesmo tendo sido eliminado pela Itália na segunda fase, naquela fatídica tarde em que Paolo Rossi marcou três vezes no Estádio Sarriá.

Treinado por Telê Santana, o Brasil tinha um quarteto mágico no meio-campo, com Toninho Cerezo, Sócrates, Zico e Falcão, que fez três gols no Mundial e voltou para Roma ainda mais em alta. Tanto que, na temporada 1982-1983, liderou o time na conquista do Campeonato Italiano, sonho que a torcida acalentava desde o longínquo 1942 dos tempos da II Guerra. Dali em diante, Paulo Roberto Falcão, catarinense da pequena cidade de Abelardo Luz, passou a ser ninguém menos que o Oitavo Rei de Roma.

FALCÃO
80 VOTOS

NASCIMENTO
16 de outubro de 1953, em Abelardo Luz (SC)

JOGOU POR
Internacional, Roma (Itália) e São Paulo. Foi tricampeão brasileiro pelo Colorado em 1975, 1976 e 1979. Conquistou o Campeonato Italiano em 1983 e duas Copas da Itália com a camisa giallorossa. Pelo Tricolor, venceu o Paulista de 1985

PELA SELEÇÃO
participou de duas Copas (1982 e 1986). Disputou 34 jogos e marcou 7 gols

PAULO ROBERTO FALCÃO

Na Copa de 1982: três gols e elegância de sobra no quarteto mágico inesquecível, com Cerezo, Zico e Sócrates

J.B. SCALCO

Com o contrato prestes a vencer, garantir sua permanência em Roma virou questão de Estado. O ex-primeiro-ministro Giulio Andreotti foi um dos líderes das negociações, que envolveram até o papa João Paulo II. A mãe do craque, dona Azise, havia sido filmada pela TV em uma missa no Vaticano. Andreotti ligou para ela. "Até o papa quer que seu filho fique. A senhora não vai querer contrariar o Santo Padre, certo?" Falcão ri com a história."É esse tipo de coisa que guardo como mais importante na minha carreira", diz *(leia mais na entrevista ao lado)*. Dois anos depois, ele voltou para o Brasil. Foi campeão paulista de 1985 pelo São Paulo e esteve com a seleção na Copa do México, em 1986, quando se aposentou. Desde então, atua como comentarista esportivo e técnico (já dirigiu as seleções do Brasil e do Japão). É ainda ídolo dos dois lados do Atlântico. ■

"ME ESCALARIA, SIM"

Como você se sente tendo sido escolhido para a seleção brasileira de todos os tempos? É uma conquista fantástica, principalmente porque muita gente boa ficou de fora do time titular. A sensação é dúbia. Por um lado, fica uma dúvida: será que houve alguma injustiça? Por outro, é incrível estar entre os onze mais votados. No Brasil, tem muita gente maravilhosa em todas as posições. Estar no meio-campo escolhido é uma situação de muito prestígio.

Como seria dividir esse meio-campo com Didi e Pelé, caso fosse possível embaralhar o tempo? Eu teria de correr pra caramba, até porque os dois laterais (Carlos Alberto e Nílton Santos) ficaram famosos por ser muito bons no apoio ao ataque. A marcação teria de ser feita por meio da compactação, sem um típico volante marcador, mais fixo atrás. Ao mesmo tempo, esse trio é garantia de uma saída de bola com qualidade. Dizer o quê? É um timaço, né?

O que você, como técnico, tendo trabalhado inclusive na seleção, mudaria nesse time? Quem sou eu para me atrever a mudar algo? O voto é dos especialistas. Mas, claro, posso citar muitos craques que ficaram de fora dos três times escolhidos. No gol, tem o Leão. Leandro, Daniel Alves e Marcelo não entraram como laterais. No meio, o Toninho Cerezo, que foi meu parceiro por tantos anos. No ataque, como não pensar no Jairzinho? Sem falar no próprio Neymar.

Você colocaria o jogador Paulo Roberto Falcão nessa seleção de todos os tempos? Tenho duas maneiras de responder a isso. Como jogador, não sei. Tem tanta gente boa aí... Porém, como técnico e comentarista, eu me escalaria, sim. Porque tem tudo a ver com a felicidade de estar entre os escolhidos.

Como se sente sendo o único representante do time de 1982, que encantou o mundo, mas voltou da Espanha sem a taça? Essa geração marcou porque conseguiu alcançar aquilo que muitas pessoas querem: jogar bem e emocionar. Como treinador, meu objetivo é fazer uma equipe assim. A seleção de 1982 ficou na história mesmo sem ter ganho, todo mundo sabe disso. Quantas vezes você vê um time brasileiro perder antes mesmo da final e ainda assim continuar sendo aplaudido tantos anos depois?

Alexandre Senechal

J.B.SCALCO

Na Copa de 1982, contra a Argentina de Diego Maradona: geração que não venceu uma Copa do Mundo

QUE INJUSTIÇA, GALINHO

O camisa 10 da Gávea merecia destino melhor vestindo a canarinho — e aquele pênalti perdido contra a França deveria ser esquecido

ZICO

74 VOTOS

NASCIMENTO
3 de março de 1953, no Rio de Janeiro

JOGOU POR
Flamengo, Udinese (Itália) e Kashima Antlers (Japão). Com ele, o rubro-negro foi campeão brasileiro de 1980, 1982 e 1983 e da Copa União de 1987. Ganhou a Libertadores e o Mundial de Clubes em 1981

PELA SELEÇÃO
fez 89 jogos e 66 gols; disputou as Copas de 1978, 1982 e 1986, e em nenhuma delas chegou à final

ARTHUR ANTUNES COIMBRA

Sim, houve o linchamento do goleiro Barbosa, que deixou passar aquela bola do uruguaio Ghiggia — e em termos de injustiça, poucos jogadores brasileiros foram tão maciçamente atacados, levados ao pelourinho, porque no caso do camisa 1 havia o racismo. Mas convém não se esquecer de Zico, o colossal Zico, o eterno Galinho de Quintino, trucidado publicamente depois de perder o pênalti contra a França, nas quartas de final da Copa do Mundo de 1986. O jogo estava empatado em 1 a 1, e possivelmente o Brasil venceria se a bola tivesse entrado. Mas não entrou, e em Zico foi colada parte da culpa do resultado (Sócrates e Júlio César também errariam na disputa de penalidades, vencida pelos franceses de Michel Platini, que foi outro que vacilou).

Zico, insista-se, o colossal Zico, merecia destino melhor com a canarinho. Uma maneira de apontar como deveria ser a reação àquela infelicidade está embutida na carta que um leitor enviou a PLACAR na semana seguinte à desclassificação no México, há quase 35 anos: "O perdão nacional a Zico, que chutou nas mãos do francês Bats a chance de o Brasil chegar às finais da Copa, só reforça uma injustiça cometida por toda a torcida brasileira em 1982. Naquela ocasião, Toninho Cerezo errou um passe contra a Itália e até hoje é apontado como o causador da tragédia do Sarriá. Por que não absolver também Cerezo? Como Zico, ele não tem culpa de nada".

Contudo, Zico — como Cerezo, Sócrates, Falcão e Júnior — faz parte de uma geração que não venceu a Copa do Mundo. Mas que tal um exercício? Perguntar às torcidas do Flamengo e da Udinese, e, de sobra, das equipes adversárias, o que Zico fez em campo. Tudo. Muito mais do que seus 587 gols ao longo da carreira, recorde para um meio-campista. ■

CAPITÃO DE UMA ERA

Quantos jogadores podem dizer que foram sinônimo de um tempo da seleção enquanto atuaram? Um deles pode

Ao lado do então vice-presidente americano, Al Gore, com a taça erguida em Los Angeles, em 1994: a consagração de um estilo de jogar

MARCOS ROSA

Nas Copas de 1982 e 1986, sob o comando de Telê Santana, o Brasil mostrou grande futebol, mas não chegou ao título. Carlos Alberto Silva ficou um ano e meio como técnico e foi substituído em março de 1989 por Sebastião Lazaroni, que logo escalou um time mais preocupado com a marcação, em busca de um "futebol de resultados". Na época, havia uma obsessão: conquistar pela primeira vez o novo troféu de campeão do mundo — já que a taça Jules Rimet era nossa. O volante Dunga, revelado pelo Internacional, atuava na Fiorentina, da Itália, e logo se destacou nos treinamentos e jogos.

A imprensa não tardou em batizar o novo estilo da seleção de "Era Dunga". A primeira tentativa de voltar ao topo do futebol não deu muito certo. Nos gramados da Itália, o argentino Maradona deu um nó na defesa canarinho e deixou Caniggia na cara do gol para decretar nossa eliminação nas oitavas de final.

Quatro anos depois, a comissão técnica tinha Carlos Alberto Parreira e Zagallo, e o time não convencia torcedores nem jornalistas. Mas Dunga estava lá, com seu estilo firme, de marcação dura, sempre incansável na disputa pela bola. Mais do que isso, ele era o capitão e tinha uma missão muito importante: como companheiro de quarto do craque Romário, devia ajudar a manter na linha a nossa maior esperança de gols e vitórias. A equação deu resultado. Na primeira fase, duas vitórias e um empate. Depois, mais três vitórias (sobre Estados Unidos, Holanda e Suécia) até chegar à decisão contra a Itália. Quem ganhasse se tornaria o primeiro tetracampeão mundial.

O jogo foi tenso, mascado. Para muitos, "com a cara do Dunga". O empate em 0 a 0 continuou mesmo depois da prorrogação. Daí o camisa 8 do Brasil marcou o seu na cobrança por pênaltis, Baggio mandou por cima do gol de Taffarel e o país inteiro celebrou. Dunga ainda esteve na Copa de 1998, na França. Em 2000, se aposentou no mesmo Colorado da juventude. E, para surpresa de muitos, virou técnico em 2006. Seu primeiro emprego foi na própria seleção, que dirigiu na Copa de 2010. Curiosamente, só comandou um outro time desde então: o Inter. ■

DUNGA

7 VOTOS

NASCIMENTO
31 de outubro de 1963, em Ijuí (RS)

JOGOU POR
Internacional, Corinthians, Santos, Vasco, Pisa, Fiorentina e Pescara (os três da Itália), Stuttgart (Alemanha) e Jubilo Iwata (Japão)

PELA SELEÇÃO
fez 96 jogos e marcou sete gols. Esteve em três Copas do Mundo (1990, 1994 e 1998). Foi capitão do tetra, nos EUA. Foi técnico do Brasil duas vezes (de 2006 a 2010 e de 2014 a 2016). Dirigiu a seleção na Copa de 2010, eliminada pela Holanda nas quartas de final

CARLOS CAETANO BLEDORN VERRI

“Filho, Deus lhe deu o dom de jogar futebol. Então, você tem a obrigação de treinar mais do que os outros.”

Dondinho, aconselhando o filho

MICHELANGELO, PICASSO, CHAPLIN...

...e ele, o maior da história, inigualável, o camisa 10 que fez do Brasil o país do futebol, e sobre o qual não há mais nada a dizer

PELÉ

165 VOTOS

TITULAR

NASCIMENTO
23 de outubro de 1940, em Três Corações (MG)

JOGOU POR
Santos e New York Cosmos (estados Unidos) — e só; marcou na carreira 1 091 gols em 1 281 partidas

PELA SELEÇÃO
foi tricampeão do mundo; marcou 77 gols em 92 partidas. Neymar, o segundo, fez 64 em 103 jogos

EDSON ARANTES DO NASCIMENTO

Em 1963, já bicampeão do mundo, na Inglaterra, antes de um amistoso em Wembley: as lentes dos fotógrafos nunca deixaram de acompanhá-lo

JOHN PRATT/KEYSTONE/GETTY IMAGES

"DÁ PARA ESQUECER COUTINHO?"

O que representaria para você, nesse time de sonho, ter Didi ao lado de Falcão distribuindo a bola? Didi e Falcão, nem é preciso dizer, foram dois excelentes jogadores de meio, mas com características completamente diferentes. Na minha carreira, Didi teve papel fundamental, ao fazer os passes que eu transformava em gols. Com Falcão, um pouco mais defensivo, seria diferente, claro. Mas eles se complementariam.

Garrincha esteve muitas vezes a seu lado na seleção, e juntos vocês nunca perderam um jogo. Que tal acrescentar na linha Ronaldo e Romário? Garrincha foi um gênio totalmente diferente dos dois. Fazia gols, impossível pará-lo, mas gostava mesmo era de pôr a bola na área. Ronaldo e Romário foram artilheiros natos. Quem sabe, com eles, eu não pudesse fazer a função de terceiro homem, ajudando mais no meio de campo?

Sente falta de alguém nessa seleção escolhida pelos jurados de PLACAR? Poderia citar vários nomes, mas como esquecer Coutinho? Juntos criamos a "tabelinha", que encantou o Brasil e o mundo. ■

Fábio Altman

SEMPRE SENSACIONAL

O pernambucano quieto e desconfiado foi o camisa 10 do Brasil na Copa de 2002, fez cinco gols e serviu Ronaldo em outros cinco, garantindo lugar de destaque na conquista invicta do pentacampeonato

Nos gramados do Japão e da Coreia do Sul, em 2002, quando o Brasil ganhou o pentacampeonato, Rivaldo comeu a bola. Com a camisa 10 canarinho, fez um gol em cada um dos três jogos da fase de grupos, mais um nas oitavas e outro nas quartas — e foi o vice-artilheiro do torneio. Como se não bastasse, deu o passe para cinco dos oito gols de Ronaldo, inclusive o primeiro na final contra a Alemanha (como classificar o genial corta-luz no segundo, uma bola que estava perfeita para dominar, invadir a área e fuzilar Oliver Kahn?).

Ao longo de 25 anos, Rivaldo fez a alegria das torcidas no Brasil, na Espanha, na Itália, na Grécia, no Usbequistão e em Angola. Também brilhou na campanha de 1998, quando o Brasil só perdeu a final para a França, dona da casa. Era uma época em que imprensa e torcida disputavam para saber como pôr em campo os 4R (Romário, Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho e ele). Foi o último grande ciclo vencedor da seleção.

Eleito pela Fifa como o melhor jogador do mundo em 1999 (atuava pelo Barcelona), mereceu um rasgado elogio de Johan Cruyff. Segundo ele, Rivaldo era um dos poucos que lhe davam prazer de ver jogar. "Tem o talento sul-americano e o profissionalismo europeu", definiu o gênio holandês. Nas quartas de final de 2002, contra a Inglaterra, convenceu o técnico Luiz Felipe Scolari a não substituí-lo após a expulsão de Ronaldinho Gaúcho. Recuou para ajudar na marcação e ajudou a garantir a vitória de virada. Atuou 78 vezes com a camisa do Brasil, marcou 38 gols e conquistou a Copa Umbro, de 1995, a Copa das Confederações de 1997 e a Copa América de 1999, além do Mundial de 2002. Discreto, nunca teve um apelido ou um diminutivo, mas foi gigante. Driblava qualquer um, com diferentes recursos, corria o campo todo com suas passadas largas, era especialista em cobranças de falta, encantava com jogadas plásticas (como bicicletas e voleios) e, principalmente, marcava gols antológicos, um mais lindo que o outro.

Em 2008, Rivaldo foi eleito presidente do Mogi Mirim, seu segundo e também o último clube em que atuou como profissional. Após anunciar a aposentadoria, em 2014, decidiu voltar a jogar pelo próprio Mogi, numa tentativa de lutar contra a má fase na Série B do Brasileirão de 2015. O retorno durou apenas dois meses. No ano seguinte, passou a integrar o FCB Legends, time de veteranos do Barcelona que faz partidas de exibição pelo mundo. ■

RIVALDO

17 VOTOS

NASCIMENTO
19 de abril de 1972, em Paulista (PE)

JOGOU POR
Santa Cruz, Mogi Mirim, Corinthians, Palmeiras, Cruzeiro, São Paulo e São Caetano, mais Deportivo La Coruña e Barcelona (Espanha), Milan (Itália), Olympiakos e AEK Atenas (Grécia), Bunyodkor (Usbequistão) e Kabuscorp (Angola). Ganhou os campeonatos Pernambucano, Paulista, Mineiro, Brasileiro, Espanhol, Grego e Usbeque, além da Supercopa europeia e da Liga dos Campeões. Foi duas vezes Bola de Prata de PLACAR, em 1993 e 1994

PELA SELEÇÃO
foi vice na Copa de 1998 e campeão na de 2002. Jogou 78 vezes com a camisa do Brasil, entre 1993 e 2004, anotando 38 gols (8 deles em partidas de Copas do Mundo)

RIVALDO VITOR BORBA FERREIRA

RICARDO CORREA

O craque sem apelido: passadas largas, jogadas acrobáticas e gols antológicos, um mais lindo que o outro

NO SANTOS E NO BRASIL, UM GRANDE LÍDER

Ele não poupava ninguém (nem mesmo Pelé) de seus xingamentos afeitos a organizar as equipes. Além de exímio marcador, tinha muita técnica e esteve com a seleção em três Copas seguidas

ZITO
15 VOTOS

NASCIMENTO
8 de agosto de 1932, em Roseira (SP)

MORTE
14 de junho de 2015, em Santos (SP)

JOGOU POR
Taubaté e Santos. Conquistou diversos títulos pelo Peix, como as Libertadores e os Mundiais de 1962 e 1963, cinco brasileiros (de 1961 a 1965) e oito paulistas (1955, 1956, 1960, 1961, 1962, 1964, 1965 e 1967).

PELA SELEÇÃO
ganhou as Copas de 1958 e 1962 e também participou da Copa de 1966. Jogou 51 vezes e marcou 3 gols

JOSÉ ELY DE MIRANDA

Os berros de José Ely de Miranda, o Zito, sempre recheados de palavrões, ecoavam com a potência de um alto-falante na Vila Belmiro nas décadas de 50 e 60. "Pelé, vai à m..., solta logo essa bola." "Pepe, c..., abre na ponta." Quem acompanhou lembra que eles tinham o efeito de acionar um espécie de combustão no time do Santos. Sim, aquele Santos brilhante que ficou para a história.

É impossível pensar naquele time sem Pelé, mas é igualmente difícil imaginá-lo sem os gritos do "Gerente", apelido que o camisa 5 ganhou da imprensa da época graças à incontestável liderança, exercida de forma brilhante em 733 partidas pelo clube, entre 1952 e 1967 (quando foi substituído por um certo Clodoaldo).

A cara de brabo, as olheiras profundas e a garganta potente eram só casca. Além de exímio marcador, Zito sabia como tratar a bola. É muitas vezes citado como o sexto homem de uma "linha" admirada até hoje em todo o mundo, declamada como poesia: Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Marcou 57 gols pelo Santos, número alto para um centromédio de meados do século XX, e um (muito especial) pela seleção brasileira.

Foi na final de 1962, contra a Checoslováquia. Quando o placar ainda marcava 1 a 1, recebeu um cruzamento perfeito de Amarildo e abriu caminho para a vitória por 3 a 1. "Foi o gol do bicampeonato", gostava de dizer. Com a amarelinha, Zito esteve em três Copas do Mundo: 1958, 1962 e 1966. Nunca é demais lembrar que foi destaque nas duas primeiras, vencidas pelo Brasil.

Pelé sempre o tratou como um pai, o chamava de mentor e de grande amigo. O espírito de liderança se estendeu dos gramados para os bastidores, como dirigente do Santos, com o mesmo jeitão linha dura de sempre. Na Vila Belmiro, Zito se orgulhava de ter ajudado a formar (com direito a pequenas e grandes broncas) jovens promessas como Robinho, Neymar e Gabigol.

Décadas depois de ter se aposentado, era comum nos corredores do estádio ouvir um respeitoso "capitão" quando Zito passava. Logo após sua morte, em 2015, o Santos mandou instalar uma estátua em tamanho real na Vila. Mas essa é só uma homenagem. Talvez a mais significativa seja outra. Desde então, a braçadeira de capitão do clube deixou de ter o tradicional "C" e passou a ostentar a letra "Z". ■

Amarrando as chuteiras com o uniforme da seleção: destaque no bicampeonato mundial, em 1958 e 1962

ACERVO/GAZETA PRESS

Alegria do Povo: dribles dentro do campo e uma vida desregrada fora dele

ETERNO PASSARINHO

Para muitos, mais decisivo até do que Pelé, o Anjo das Pernas Tortas, o camisa 7 do Botafogo segue sendo lembrado como o genial craque que ganhou "sozinho" a Copa de 1962, depois que o Rei se machucou

A Alegria do Povo, o Anjo das Pernas Tortas. Manoel Francisco dos Santos, o Garrincha, de apelido do passarinho que gostava de caçar, craque do Botafogo nos anos 1950 e 1960, é mundialmente reconhecido como uma das figuras lendárias do futebol. Para muitos, foi mais decisivo até do que Pelé. Dentro de campo, era único, com seus dribles desconcertantes, tantas vezes fingindo esquecer a bola, só trançando as pernas sobre ela para desespero dos marcadores. Fora dele, um histórico de pequenos e grandes problemas (era estrábico e tinha uma perna 6 centímetros mais curta do que a outra, com o joelho direito voltado para dentro e o esquerdo, para fora) e uma rotina boêmia, sobretudo depois que parou de jogar, que lhe custou a vida, com apenas 49 anos, sem dinheiro e derrotado pelo alcoolismo.

Começou a carreira pelo time carioca em 1953. Em seu primeiro teste, o lateral-esquerdo Nilton Santos exigiu que o técnico Gentil Cardoso o contratasse, afirmando: "Não quero ter de enfrentar esse cara de jeito nenhum". Garrincha chegou à Copa de 1958 na reserva, mas durante o torneio se firmou como titular ao lado de um imberbe Pelé. Com os dois juntos em campo a seleção nunca perdeu um jogo. Mas, mesmo quando se viu privado do maior parceiro, Garrincha não se intimidou. No Chile, em 1962, o Rei sofreu uma contusão muscular na segunda partida e Mané chamou para si a responsabilidade. Terminou a Copa como o melhor jogador, o artilheiro (com direito a gol de falta, de perna esquerda e de cabeça) e com o bicampeonato. Numa época em que os alvinegros Santos e Botafogo tinham os melhores times do país, ele ajudou a construir a imagem do Brasil no exterior, com seu futebol exuberante e vencedor. Ainda hoje Garrincha emociona. ■

NASCIMENTO
28 de outubro de 1933, em Magé (RJ)

MORTE
20 de janeiro de 1983, no Rio de Janeiro

JOGOU POR
Botafogo, Corinthians, Portuguesa Santista, Fortaleza, Junior Barranquilla (Colômbia), Flamengo, Novo Hamburgo, Rio-Grandense, Cordeiros e Olaria. Pelo Fogão, fez 614 partidas e 245 gols e ganhou três títulos cariocas e dois torneios Rio-São Paulo

PELA SELEÇÃO
participou de três Copas (1958, 1962 e 1966) e foi bicampeão mundial (nas duas primeiras). Disputou 60 partidas e marcou 17 gols

MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS

AGÊNCIA JB

O inesquecível gol contra a Venezuela, na Copa América: só o começo do show

JADER DA ROCHA

DRIBLES GENIAIS, GINGA DE MOLEQUE

Na Copa América de 1999, o cartão de visitas foi um golaço com direito a chapéu dentro da área. Sua alegria reverberou pelos campos do mundo, deixando a torcida encantada e embasbacada

Em 1998, aos 18 anos, Ronaldinho Gaúcho começou a ganhar as primeiras oportunidades no time profissional do Grêmio. No ano seguinte, já estava na seleção brasileira campeã da Copa América ao lado de craques como Cafu, Roberto Carlos, Vampeta, Amoroso, Alex, Ronaldo (na época mais conhecido como Fenômeno) e Rivaldo. Seu cartão de visitas foi o gol sobre a Venezuela, com direito a chapéu no zagueiro e a exaltação do narrador Luciano do Valle, na Band: "Esse Ronaldinho vai longe, vai longe...".

Foi mesmo. Sempre com um sorriso estampado no rosto, espalhava alegria com seus dribles geniais, golaços e "molecagens" em campo. Durou menos do que poderia, é fato. Mas não se pode negar que ele foi fundamental para a conquista do pentacampeonato (novamente ao lado de Cafu, Roberto Carlos, Ronaldo e Rivaldo), na Copa do Mundo de 2002, disputada na Coreia do Sul e no Japão. Contra a Inglaterra, nas quartas de final, foi o protagonista: deu a assistência ao gol de Rivaldo, marcou o seu (naquela inesquecível cobrança de falta que enganou o goleiro Seaman) e acabou expulso por uma entrada de sola no adversário Danny Mills, para desespero do Brasil todo.

Era só o começo do show. Transferiu-se para o Barcelona, em 2003, e foi eleito o melhor do mundo nas duas temporadas seguintes. Combinando técnica e alta intensidade, brilhou no topo. Quem viu lembra com saudade. Chegou a ser tratado como o novo Pelé. Em 19 de novembro de 2005, no clássico contra o Real Madrid, liderou a vitória do Barça por 3 a 0 e fez dois gols. Após o segundo (com direito a passar por vários adversários e finalizar com precisão), os torcedores madrilenhos se renderam a seu talento e o Estádio Santiago Bernabéu o aplaudiu de pé. Na mesma época, integrou o famoso Quadrado Mágico da seleção, ao lado de Ronaldo, Adriano e Kaká. Juntos, ganharam a Copa das Confederações, mas não conseguiram repetir o bom desempenho na Copa de 2006, caindo para a França nas quartas.

Jogou ainda no Milan, Flamengo, Atlético (MG), Querétaro (México) e Fluminense. Pelo Galo, venceu a Libertadores de 2013. No ano passado, foi preso junto com o irmão, Assis, ao tentar entrar no Paraguai com um passaporte falsificado. Ninguém tem dúvidas de que, dentro do campo, contudo, Ronaldinho Gaúcho brilhou como poucos. O que muitos lamentam é que não tenha conseguido manter-se no topo por mais tempo. Uma pena. ■

RONALDINHO GAÚCHO

29 VOTOS

NASCIMENTO
21 de março de 1980, em Porto Alegre

JOGOU POR
Grêmio, PSG (França), Barcelona (Espanha), Milan (Itália), Flamengo, Atlético (MG), Querétaro (México) e Fluminense. Tem uma coleção de títulos: de campeão gaúcho, carioca e mineiro até a Liga dos Campeões da Europa. Ganhou também os campeonatos Espanhol e Italiano, além da Libertadores da América de 2013 e a Recopa Sul-Americana de 2014

PELA SELEÇÃO
fez 101 partidas, com 35 gols. Disputou as Copas de 2002 (é do grupo pentacampeão) e 2006. Também ganhou a Copa das Confederações de 2005, a Copa América de 1999, o Mundial Sub-17 de 1997 e o bronze na Olimpíada de Pequim, em 2008

RONALDO DE ASSIS MOREIRA

AS ARTES DE UM HOMEM SIMPLES

Eis o que Nelson Rodrigues escreveu numa crônica sobre o fenomenal meia: "A bola tem um instinto clarividente e infalível que a faz encontrar e acompanhar o verdadeiro craque"

ZIZINHO

7 VOTOS

NASCIMENTO
14 de setembro de 1921, em São Gonçalo (RJ)

MORTE
8 de fevereiro de 2002, em Niterói (RJ)

JOGOU POR
Flamengo, Bangu, São Paulo, Uberaba e Audax Italiano (Chile)

PELA SELEÇÃO
fez 54 partidas, com 31 gols marcados. Foi campeão sul-americano de 1949 e integrou a equipe que perderia a Copa de 1950 para o Uruguai, no Maracanazo. Esteve também na Copa de 1998

TOMÁS SOARES DA SILVA

Em texto para PLACAR, o jornalista Dagomir Marquezi, titular da coluna Mortos Vivos, que ocupou a última página da revista durante anos, lembrou do seguinte comentário de Pelé sobre o Mestre Ziza: "Zizinho era completo. Tanto jogava no meio como no ataque. Era ofensivo e sabia marcar. E não tinha medo de cara feia". Nelson Rodrigues, numa de suas crônicas, tinha ido ainda mais longe: "A bola tem um instinto clarividente e infalível que a faz encontrar e acompanhar o verdadeiro craque. Foi o que aconteceu: a pelota não largou Zizinho, a pelota o farejava e seguia com uma fidelidade de cadelinha ao seu dono. No fim de certo tempo, tínhamos a ilusão de que só Zizinho jogava". Seu sonho era jogar pelo time da infância, o América. Mas foi dispensando pelos dirigentes de Campos Sales porque não precisavam de um meia, e ainda por cima baixinho (1,69 metro). Foi levado para o Flamengo, onde brilhou de 1939 a 1950. Jogou 318 vezes pelo rubro-negro, venceu 187 dos jogos e marcou 146 gols. Depois jogaria pelo Bangu, clube pelo qual seria vice-campeão carioca em 1951.

Na seleção, marcou 31 gols em 54 partidas. Foi uma das grandes estrelas da Copa de 1950. Um repórter da *Gazzetta dello Sport* comparou-o a Leonardo da Vinci, "criando obras de arte com seus pés na imensa tela do Maracanã". Contudo, não passou impune pela derrota para o Uruguai. "Acabada a partida, pensei em parar com o futebol. Ainda bem que já tinha contrato assinado com o Bangu, o que me fez desistir da ideia." Jogou pelo São Paulo, em 1957, que o homenageou com uma placa no Morumbi pelo título de campeão daquele ano. Encerrou a carreira no Audax Italiano, do Chile, em 1962. Não vingou como treinador e virou fiscal de renda. Instado a dizer como gostaria de ser lembrado, resumiu: "Um homem simples, morador de Niterói, que precisa só de uma bermuda, um chinelo, uma camisa, só para descer e ir lá na padaria do português". ■

Um dos grandes nomes da Copa de 1950, ele também foi marcado pela derrota para o Uruguai: "Pensei em parar com o futebol"

ACERVO PLACAR

FENOMENAL ERA POUCO

O camisa 9, talvez o mais decisivo de todos os tempos, pode ser medido pelas improváveis ressurreições, depois de lesões que o tiraram de campo durante meses, mas não apagaram a velocidade de um craque inigualável

A espetacular carreira de Ronaldo — que em 1994, na Copa do Mundo, virou Ronaldinho para que fosse diferenciado do zagueiro Ronaldão e depois seria "o Fenômeno" — poderia ser traduzida como a trajetória do menino de família pobre de Bento Ribeiro, bairro do Rio de Janeiro, que ganhou o mundo. Não seria errado medi-la pelos gols: 414, sendo 67 pela seleção, com dois títulos mundiais — o dos Estados Unidos, em 1994, sentado no banco, e como artilheiro do torneio do Japão e Coreia, em 2002 (oito bolas na rede). Poucas carreiras, enfim, foram mais bonitas e vencedoras do que a do camisa 9, sinônimo de centroavante. Mas há outra maneira de enxergá-lo — por meio dos sucessivos renascimentos. O primeiro se deu logo depois do piripaque já lendário, e ainda hoje inexplicável, antes da final contra a França, em 1998. Ronaldo — então Ronaldinho, insista-se — ergueu a cabeça e, na Internazionale, continuou decisivo como sempre foi.

Em novembro de 1999, porém, numa partida contra o Lecce, ele foi ao gramado, depois de sentir uma contusão na patela do joelho direito — ficou cinco meses no estaleiro. Voltaria em abril de 2000, em partida diante da Lazio. Seis minutos depois de entrar em campo, o horror: ele tentou driblar um marcador, mas voltou a sentir a lesão, em cena terrível, transmitida para todo o mundo. Mas então viria o segundo renascimento: voltou a jogar, levou o Brasil ao penta, em 2002, e Ronaldo, mais do que nunca, justificou a alcunha fenomenal que recebera na Itália. Houve ainda uma outra ressurreição, no Corinthians, em 2009, transformado em ídolo da torcida alvinegra. Já em fim de carreira, acima do peso, mais lento, mostrou ser inigualável em lances que provocavam exclamações de espanto diante de um dos maiores de todos os tempos. ■

Na Copa do Mundo de 2002: oito gols e o pentacampeonato para o Brasil

NASCIMENTO
18 de setembro de 1976, no Rio de Janeiro

JOGOU POR
Cruzeiro, PSV (Holanda), Barcelona e Real Madrid (Espanha), Internazionale e Milan (Itália) e Corinthians

PELA SELEÇÃO
fez 105 jogos e 67 gols; foi campeão do mundo em 1994 e 2002

RONALDO LUÍS NAZÁRIO DE LIMA

RICARDO CORREA

“GOLS SÃO COMO FILHOS”

Você e Romário fizeram durante breve tempo dobradinha na seleção; infelizmente Romário não foi à França, em 1998. Como seria fazer dupla mais tempo com ele? É impossível prever desempenho. A gente sabe que, no futebol, tudo pode acontecer. O que eu posso afirmar é que a nossa dupla deu muito certo.

Como seria ter Pelé armando jogadas para você com Garrincha do lado direito? Ahhh... Nos entenderíamos muito bem *(risos)*. É claro que seria um sonho, para mim e para qualquer jogador, tocar bola com aqueles que inspiraram o nosso futebol.

Se você pudesse chamar um décimo segundo jogador nessa seleção, quem seria? Sem dúvida, o meu maior ídolo: Zico.

De todos os seus gols na seleção, qual o mais marcante? Sempre digo que gols são como filhos: impossível escolher um. Mas os dois na final da Copa de 2002, por tudo o que representaram para mim e para o Brasil, têm um lugar especial no meu coração.

Fábio Altman

Uma figura extraordinária: "Bebo, fumo e penso", declarou a PLACAR em 1986

RODOLPHO MACHADO

DOUTOR E REBELDE

Com sua voz política, seu calcanhar e sua cervejinha, foi um líder dentro e fora de campo, uma personalidade singular e inigualável, muito além de um imenso craque da bola

Ele jogava melhor de costas do que a maioria de frente. Eis Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, cujo toque de calcanhar, sua marca registrada, deixava marcadores embasbacados e os companheiros livres para empurrar a bola a caminho do gol. O uso do calcanhar, recurso inusitado, ajuda a entender uma das figuras mais extraordinárias do futebol. Rebelde, culto, consciente das mazelas do país, magricelo... e muito, muito craque. Nascido em Belém, batizado em homenagem ao filósofo grego por seu pai, amante da literatura, mudou-se ainda criança para Ribeirão Preto, no interior paulista, onde fincou raízes. O termo Doutor não era só apelido: formou-se em medicina na mesma época em que já se destacava pelo Botafogo local. Treinar pouco era a única forma de conciliar o futebol com os estudos — e, claro, com as festas universitárias. "Bebo, fumo e penso", cravou a PLACAR em 1986. "Minha imagem de homem público é a de um autêntico, não sou de falso moralismo."

De fato, Sócrates era distinto. Fez história no Corinthians, mas não foi uma paixão à primeira vista. A fiel torcida demorou a se acostumar com sua frieza, por vezes confundida com displicência, mas descobriu em Sócrates um líder popular fundamental. Foi o expoente máximo da Democracia Corintiana, período em que os atletas alvinegros reivindicavam maior poder de decisão — e, de quebra, conquistavam títulos. Também subiu em palanques em defesa das Diretas Já e se firmou como uma das vozes políticas mais ativas do país durante o fim da ditadura. Nada que o impedisse de esbanjar elegância nos gramados. Desfilou seu talento em duas Copas. Na primeira, em 1982, foi peça fundamental de um esquadrão histórico e marcou dois golaços, contra União Soviética e Itália. Na segunda, em 1986, é mais lembrado pelas faixas brancas que usou na testa, com mensagens antiviolência, e por errar um pênalti na eliminação para a França. Não brilhou na Fiorentina, da Itália, nem no Flamengo e no Santos, seu time de infância, até encerrar a carreira de volta no Botafogo de Ribeirão Preto.

A boemia talvez o tenha impedido de ser ainda maior e encurtou sua vida. Sócrates cunhou uma frase premonitória em 1983: "Quero morrer em um domingo com o Corinthians campeão". E assim foi. Aos 57 anos, ele foi vítima de infecção generalizada depois de sofrer uma hemorragia digestiva provocada por cirrose hepática. Horas depois, o Corinthians se consagrou campeão brasileiro de 2011 com um empate sem gols diante do Palmeiras. Os atletas alvinegros repetiram outro de seus gestos característicos: o punho cerrado com o qual comemorava os gols e clamava por justiça social. ■

SÓCRATES

19 VOTOS

NASCIMENTO
19 de fevereiro de 1954, em Belém

MORTE
4 de dezembro de 2011, em São Paulo

JOGOU POR
Botafogo (SP), Corinthians, Fiorentina (Itália), Flamengo e Santos. Conquistou três títulos paulistas pelo alvinegro e um carioca pelo rubro-negro

PELA SELEÇÃO
fez 63 jogos, incluindo os das Copas de 1982 e 1986, e marcou 25 gols

SÓCRATES BRASILEIRO SAMPAIO DE SOUZA VIEIRA DE OLIVEIRA

LEMYR MARTINS

O Mineirinho de Ouro: na seleção de 1970, movimentação para abrir espaços e deixar os companheiros de frente para o gol

CRAQUE DA INTELIGÊNCIA

A imprensa e os técnicos acreditavam que ele era o reserva de Pelé; mas o brilhantismo lhe permitiu mudar de posição e construir um time inesquecível

TOSTÃO
13 VOTOS

NASCIMENTO
25 de janeiro de 1947, em Belo Horizonte (MG)

JOGOU POR
América-MG, Cruzeiro e Vasco da Gama. Conquistou a Taça Brasil de 1966 e foi pentacampeão do Campeonato Mineiro (1965, 1966, 1967, 1968 e 1969)

PELA SELEÇÃO
participou de duas Copas (1966 e 1970) e foi campeão em 1970. Disputou 65 jogos e marcou 36 gols

EDUARDO GONÇALVES DE ANDRADE

O Mineirinho de Ouro, camisa 10 do Cruzeiro, era considerado o reserva de Pelé em 1970, ou seja, em tese ambos disputavam posição. Até João Saldanha assumir a equipe, em 1969, e escalar os dois juntos. A combinação deu certo, o Brasil passeou nas Eliminatórias e Tostão marcou dez gols em seis partidas no caminho ao México. No entanto, deu quase tudo errado. Ele teve de correr contra o tempo para se recuperar de um descolamento de retina, que aconteceu num amistoso pela seleção e agravado por uma bolada sofrida num jogo pelo Cruzeiro. Zagallo, que assumiu como treinador no lugar de Saldanha às vésperas do Mundial, teve paciência para aguardar o retorno do craque.

"Ele experimentou o Roberto e o Dario, mas logo percebeu que o time era de muita troca de passes e não dava para ter um homem fixo na frente", explicou Tostão em entrevista a PLACAR em maio de 2020. O técnico precisava de alguém para abrir espaços e ajudar a criar as jogadas, não de um atacante clássico, disposto somente a ser o artilheiro. Tostão cumpriu o papel com maestria e foi peça fundamental para o tri. Gols? Não era a hora. Fez apenas dois na Copa, contra o Peru (ressalve-se que ele é o maior artilheiro da história do Cruzeiro, com 249 gols).

Médico de formação, é hoje o melhor comentarista de futebol do país. Convidado a votar nesta seleção de PLACAR, escalou Garrincha, Pelé e Ronaldo em seu ataque ideal — mostrou, mais uma vez, estar certo, já que os três entraram no time titular. Ignorou a si próprio, elegantemente. Mas outros 13 votantes incluíram o craque inteligente na lista. Ao lado de Junior, aparece como eleitor e votado. ■

UM BAIXINHO NAS NUVENS

O camisa 11 de 1994, irrequieto e incomodado dentro e fora de campo, genialmente habilidoso, faz parte de uma galeria restrita: a de craques que transformaram uma Copa em sinônimo de sua atuação, como Garrincha em 1962

De Romário, haveria uma avenida de lembranças dentro de campo — as espetaculares partidas pelo Vasco, Flamengo, Fluminense, PSV e Barcelona. Os dois gols contra o Uruguai, nas eliminatórias de 1993, que classificaram o Brasil para a Copa dos Estados Unidos. Os outros 1 000 gols que, em sua contagem pessoal, ele marcou. Romário, de 1,69 metro, o Baixinho foi um gigante. Transformava, na grande área, um espaço do tamanho de um lenço em imenso latifúndio, como se fosse fácil jogar futebol. Poucos, muito poucos, foram tão rápidos e habilidosos como ele para pôr a bola na rede. Enfim, haveria uma fila interminável de momentos para descrever a carreira do menino pobre da Favela do Jacarezinho, criado na Vila da Penha, no Rio — mas há um modo mais didático de dimensioná-lo, e o caminho é olhá-lo apenas pelo extraordinário Mundial de 1994. Ele só não fez chover — foi como Garrincha em 1962, pelo Brasil, ou Maradona em 1986, pela Argentina. Talvez mais. Ele fez cinco gols, de tudo quanto é jeito, inclusive de cabeça. Foi decisivo em todas as partidas, mesmo quando não marcou. Na final, teve atuação apagada — mas quando foi sua vez de bater o pênalti, lá estava o camisa 11, firme, forte, altivo. Para muitos, arrogante. Para outros tantos, um atleta que sabia ser excelente e que nunca fugiu de briga, nos gramados, mas também fora dele. Sobre ele, logo depois da conquista americana, o antropólogo Roberto DaMatta fez o seguinte comentário, num tempo em que a carreira de político do centroavante era ainda miragem: "A gente tende a admirar os pretos de alta branca, como o Pelé, que não dá um passo fora do círculo de giz que a sociedade marcou para ele. O Romário é diferente, faz o que quer". Que bom, para a história do futebol, ter sido assim. ■

Nos Estados Unidos eram ele e mais dez, numa equipe com um único objetivo: vencer pragmaticamente

NASCIMENTO
29 de janeiro de 1966, no Rio de Janeiro

JOGOU POR
Vasco, Flamengo, Fluminense, PSV (Holanda), Barcelona e Valencia (ambos da Espanha). Fez um jogo pelo América-RJ, clube de coração de seu pai

PELA SELEÇÃO
fez 70 jogos e marcou 55 gols — é o quarto maior artilheiro da canarinho, atrás apenas de Pelé, Neymar e Ronaldo. Disputou as Copas de 1990 e 1994

ROMÁRIO DE SOUZA FARIA

EUGENIO SAVIO

"EU TERIA FEITO 2000 GOLS"

Trocaria algum nome na seleção brasileira de todos os tempos? Eu colocaria o Ronaldinho Gaúcho no lugar do Falcão. Fora isso, estou de acordo com os outros nomes, seria realmente uma grande seleção.

Lembramos sempre das inesquecíveis duplas Romário-Bebeto e Romário-Ronaldo. O que seria para você formar um ataque na seleção ao lado de Ronaldo, com Garrincha e Pelé bem próximos? Se eu tivesse tido a oportunidade de jogar com Ronaldo, Garrincha e Pelé, eu certamente teria feito mais de 2000 gols.

Apesar de sua Copa perfeita, a seleção de 1994 é até hoje apontada como a de futebol menos vistoso, mas foi a que pôs fim a um jejum de 24 anos sem título. Qual a sua resposta para os críticos dessa seleção? Eu tenho consciência de que tecnicamente as seleções brasileiras que também foram campeãs do mundo, em 1958, 1962, 1970 e 2002, eram melhores do que a nossa de 1994 — mas não podemos esquecer que o time de 94 deixou o Brasil determinado a trazer a taça dos Estados Unidos. Estávamos decididos a ganhar, do primeiro ao último minuto, com determinação, reconhecendo os pontos fracos — mas também nossos pontos fortes.

Klaus Richmond

A CANHOTA INIGUALÁVEL

Poucos jogadores foram tão versáteis como o craque do Corinthians, do Fluminense e da canarinho — um jogador genial que Maradona considerava um dos maiores de todos os tempos

Contra a Inglaterra, na vitória por 1 a 0, em 1970: se era para armar, ele armava; se era para chutar de fora da área, ele chutava

LEMYR MARTINS

Entre 1963 e 1964, a torcida do Corinthians chegava mais cedo ao Pacaembu porque sabia encontrar diversão e espanto na canhota de um adolescente endiabrado — Roberto Rivelino (era assim que se escrevia, com um "l" só). Tinha uma patada violenta. Dominava a bola como poucos. Driblava como ninguém. Nascia ali, na equipe dos aspirantes, um dos grandes craques da história do futebol, que faria história com a camisa alvinegra, a do Fluminense e a da seleção brasileira. Um dos modos de entender o tamanho de Riva é voltar aos primeiros tempos de sucesso, embora nunca tenha conquistado título relevante pelo Timão, e ouvir o que diziam dele. Baltazar (1926-1997), o Cabecinha de Ouro: "Eu ficava vendo o treino dos juvenis espantado com o futebol daquele menino barulhento". Luizinho (1930-1998), o Pequeno Polegar: "Desde a primeira vez que o vi, no meio dos outros juvenis, senti que ele nasceu para jogar bola. Faz isso com naturalidade. Tem visão, temperamento, é genial. Fazia tempo que o Corinthians procurava alguém assim. Encontrou Rivellino". Em coluna publicada na PLACAR de 10 de abril de 1970, antes da aventura gloriosa no México, Aymoré Moreira anteviu a jogada: "Podem tomar nota do que digo agora: Rivellino vai ser o meia-esquerda titular da seleção na Copa do Mundo. Zagallo vai mexer aqui e ali, virar-se pra lá e pra cá, pensar em muitas soluções, mas vai ter de escalar Rivellino (...) Zagallo tem de dizer a ele que a posição é dele, que ele é o titular. Ele não tem espírito de jogador que disputa posição. Mas, se disserem ao Rivellino que a posição é dele, então, ele passa a render tudo de que é capaz. Pela meia-esquerda, Rivellino é melhor e muito mais eficiente do que qualquer outro jogador que dispute a posição — inclusive Pelé e Gérson".

O que mais dizer, portanto, do Reizinho do Parque, do Curió das Laranjeiras, do Patada Atômica? Acompanhemos o que escreveu Diego Armando Maradona em sua autobiografia: "Foi um dos maiores de todos os tempos, e quando eu digo isso as pessoas ficam surpresas. Não sei o porquê. Era a elegância e a rebeldia em pessoa para entrar em um campo de futebol. As coisas que me contam de Rivellino *(tratado como "Rivelinho" todo o tempo)* são incríveis. Ele também se rebelava contra os poderosos", anotou Maradona. "Me apaixonei pelo jogador e me seduzi pela pessoa quando o conheci. Na Copa de 1970, o Brasil nem treinava porque aquele time não precisava de nada para jogar. Rivellino estava com Gérson quando apareceu Pelé. E Rivellino, que sempre tinha resposta para tudo, disparou: 'Você, Pelé, bem que gostaria de ser canhoto como a gente, não?'." ■

RIVELLINO
56 VOTOS

NASCIMENTO
1º de janeiro de 1946, em São Paulo (SP)

JOGOU POR
Corinthians, Fluminense e Al-Hilal (Arábia Saudita). Pelo Timão, não conseguiu nenhum título de relevância. Pelo Tricolor das Laranjeiras, foi bicampeão carioca em 1975 e 1976 com a chamada Máquina Tricolor

PELA SELEÇÃO
participou de três Copas (1970, 1974 e 1978). Foi campeão no México. No total, 86 jogos e 25 gols

ROBERTO RIVELLINO

PRIMEIRO POPSTAR DO NOSSO FUTEBOL

Pioneiro dentro e fora de campo, o atacante ajudou a moldar a figura do autêntico craque brasileiro, genial e malandro, com seus gols acrobáticos na França, em 1938

LEÔNIDAS DA SILVA

6 VOTOS

NASCIMENTO
6 de setembro de 1913, no Rio de Janeiro

MORTE
24 de janeiro de 2004, em Cotia (SP)

JOGOU POR
São Cristóvão, Sírio Libanês, Sul América, Bonsucesso, Peñarol (Uruguai), Vasco da Gama, SC Brasil, Botafogo, Flamengo e São Paulo. Ganhou o Campeonato Carioca defendendo cada um dos três grandes do Rio, e cinco Paulistas pelo São Paulo

PELA SELEÇÃO
participou de duas Copas, em 1934 e 1938. Marcou 37 gols em 37 jogos

LEÔNIDAS DA SILVA

Carioca, consagrado na França e ídolo em São Paulo, Leônidas da Silva foi, acima de tudo, um pioneiro. Sua ginga e malandragem para se livrar dos marcadores e a facilidade para balançar as redes ajudaram a moldar o estereótipo do craque brasileiro no mundo. Sua primeira experiência em Copas não foi das melhores: fez o gol da única partida do Brasil, derrota para a Espanha, em 1934. Quatro anos depois, já conhecido por seus feitos no Vasco, no Botafogo e no Flamengo, se tornaria uma estrela mundial em terras francesas.

"Cabelos esticados, pele escura como um grão de café torrado, pequeno de corpo. Esse homem de borracha, na terra ou no ar, possui o dom diabólico de controlar a bola em qualquer posição, desferindo chutes violentos quando menos se espera. Leônidas é magia negra", cravou a revista *Paris Match,* assombrada com os três tentos na vitória por 6 a 5 diante da Polônia, na estreia do Mundial de 1938. Nesse jogo, marcou até descalço. Na época, o Brasil jogava de meias pretas e, em meio ao lamaçal, a arbitragem não notou a ausência do item obrigatório. Leônidas, artilheiro daquela Copa, com sete gols, foi eleito o craque do torneio. Machucado, não atuou na semifinal, na derrota para a Itália. O terceiro lugar foi motivo de euforia no retorno ao Brasil. Também foram os franceses quem deram a Leônidas o apelido que virou marca: Diamante Negro. Sim, o chocolate que existe até hoje foi batizado em homenagem ao primeiro popstar da bola — era tão famoso quanto o presidente Getúlio Vargas e o sambista Orlando Silva.

Em 1942, foi recebido por uma multidão na Estação da Luz para assinar com o São Paulo. Graças a ele, o tricolor passou a ser um dos grandes do estado, conquistando cinco títulos paulistas entre 1943 e 1949. Seu talento foi imortalizado na foto de uma bicicleta no Estádio do Pacaembu. Se há controvérsias sobre a paternidade da acrobacia, é fato que ele foi o primeiro grande mestre a lançar mão desse recurso.

A II Guerra impediu que ele disputasse as Copas de 1942 e 1946, canceladas em razão do conflito. Em 1950, já prestes a se aposentar, aos 36 anos, foi preterido pelo técnico Flávio Costa, seu velho desafeto. Nunca saberemos se Leônidas teria sido capaz de evitar o Maracanazo. É dele até hoje a melhor média de gols pela seleção: um por jogo, em 37 atuações. Aposentado, frustrado como técnico, Leônidas seria novamente pioneiro ao se tornar o primeiro ex-jogador a brilhar como comentarista. Só parou por causa da doença de Alzheimer. Morreu aos 90 anos, em 2004, numa clínica em Cotia, na Grande São Paulo, com as memórias de suas façanhas apagadas. Sua história, porém, jamais será esquecida. ■

ACERVO/GAZETA PRESS

História vitoriosa: ele jogou 37 vezes pela seleção, fez 37 gols e seu apelido, Diamante Negro, batizou um chocolate que existe até hoje

O ÚNICO TETRA

Ninguém tem quatro títulos mundiais como o Velho Lobo, que foi duas vezes campeão como jogador, uma como treinador e outra como coordenador técnico

É simples assim. O recordista de títulos em Copas do Mundo se chama Mário Jorge Lobo Zagallo. Como jogador, esteve nas vitoriosas campanhas de 1958 e 1962. Aposentou-se três anos depois e começou a trabalhar como treinador. Em março de 1970, foi chamado às pressas para liderar a seleção no México — e conquistou a terceira medalha. Passadas duas décadas, era o coordenador técnico quando garantiu a quarta, em 1994. Pelé é o único atleta a ganhar três vezes em campo. Beckenbauer se consagrou como zagueiro e como técnico. Mas o que escrever sobre Zagallo, campeão de tudo? Uma ideia: ouvir o que ele tem a dizer, e foi o que fez PLACAR.

Sobre o tri, em 1970: "A seleção de 1970 eu montei inicialmente para jogar num 4-3-3 clássico, mas o grande sucesso daquele time foi porque ele jogava em bloco, tanto na parte ofensiva quanto na parte defensiva. Jogava de maneira tranquila, sem marcação por pressão, esperando o adversário chegar até a linha do meio do campo. A grande mudança que eu fiz foi pôr cinco camisas 10 (Gérson usava a 10 no São Paulo; Pelé, no Santos; Jairzinho, no Botafogo; Tostão, no Cruzeiro; e Rivellino, no Corinthians). Engrenou de tal maneira que acabamos sendo tricampeões".

Sobre as ideias à frente de seu tempo: "Isso sempre esteve comigo, fez parte da minha vida. Desde que eu era jogador, sempre atuava de uma maneira diferente dos outros pontas-esquerdas. Fazia uma função dupla, atacava e ajudava na armação e na marcação. E isso desde 1958. Quando me tornei técnico, coloquei em prática o que já fazia como jogador".

Os maiores que viu jogar: "Vou começar pelo Pelé, porque é o jogador mais completo que vi na minha vida. Quando eu fui para a seleção brasileira, na mesma época o Pelé foi chamado também. Ele tinha 17 e eu, 26. Nunca vi ninguém driblar, matar uma bola no peito ou cabecear uma bola como ele. E não poderia deixar de citar o Gérson, que também é mais novo e teve a oportunidade de jogar comigo no Botafogo. Foi o melhor meia que eu vi. Tranquilo, fazia cruzamentos e lançamentos perfeitos. Quando eu era treinador, bastava fazer um gesto e ele já sabia o que fazer. Era sensacional". ■

ZAGALLO

94 VOTOS

TITULAR

NASCIMENTO
9 de agosto de 1931, em Maceió

FOI TÉCNICO
de Botafogo, Flamengo, Fluminense, Vasco, Bangu, Portuguesa, Al-Hilal (Arábia Saudita) e das seleções do Brasil, do Kuwait, da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos

PELA SELEÇÃO
foi bicampeão mundial como jogador (1958 e 1962), tri como treinador (1970) e tetra como coordenador técnico. Também esteve nas Copas de 1974, 1994, 1998 e 2006. Conquistou a Copa das Confederações de 1997 e 2005 e a Copa América de 1997 e 2004

MÁRIO JORGE LOBO ZAGALLO

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Um mestre: ele levou à beira do gramado o que fazia em campo, pondo craques fora de suas posições originais para jogar

MESTRE DO JOGO BONITO

O Fio de Esperança foi um treinador brilhante. Era, acima de tudo, um homem do futebol, apaixonado e idealista

A seriedade e a busca incansável por excelência muitas vezes foram confundidas com mau humor. O fato é que as críticas injustas ou acima do tom moldaram uma personalidade de raros sorrisos públicos. Mas Telê Santana era, sobretudo, um homem apaixonado pela bola. Mineiro de Itabirito, atuou em pequenos clubes da região até fazer história no Fluminense como um ponta-direita polivalente, à frente de seu tempo. Ídolo de seu time de infância, recebeu da torcida tricolor a alcunha de Fio de Esperança. Levou a visão de jogo e o amor pelo futebol bem jogado para a função de treinador, na qual foi ainda mais espetacular.

TELÊ SANTANA

54 VOTOS

NASCIMENTO
26 de julho de 1931, em Itabirito (MG)

MORTE
21 de abril de 2006, em Belo Horizonte

FOI TÉCNICO
do Atlético Mineiro, Fluminense, Palmeiras, Grêmio, Flamengo e São Paulo, entre outros. Seus principais títulos foram o Brasileirão de 1971 pelo Galo, o Gaúcho de 1977 pelo Grêmio e as Libertadores e os Mundiais de 1992 e 1993 pelo Tricolor Paulista

PELA SELEÇÃO
dirigiu o time em 52 jogos, incluindo os das Copas de 1982 e 1986

TELÊ SANTANA DA SILVA

DUNCAN RABAN/ALLSPORT/GETTY IMAGES

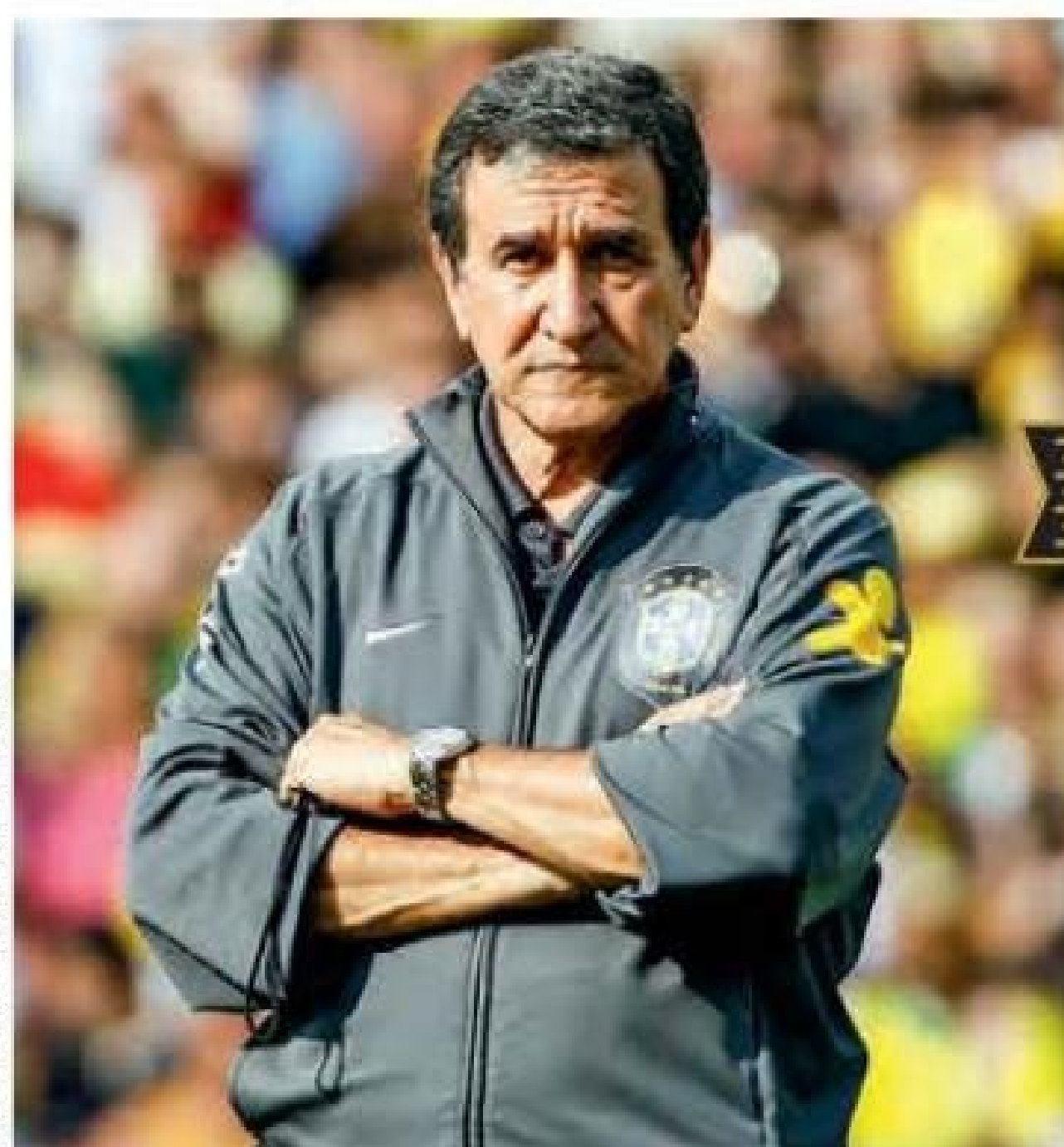
Exigente, quase chato: apesar de não terem vencido, os times que montou em 1982 e 1986 continuam sendo lembrados até hoje

Conduziu o Atlético (MG) a seu primeiro título brasileiro, em 1971. Uma ótima campanha — mas sem título — no Palmeiras o levaria à seleção. Telê foi o arquiteto de uma seleção inesquecível, a de 1982. A tragédia do Sarriá rendeu muita frustração, mas ele seguiu à frente do time. Perderia outra Copa em 1986, e passou a conviver com a pecha de pé-frio. Ele se redimiria em grande estilo pelo São Paulo: bicampeão da Libertadores e do Mundial de Clubes em 1992 e 1993. ■

PROFESSOR PRAGMÁTICO

Acadêmico e discreto, jamais foi unanimidade, mas sempre reagiu às contestações com polidez

Carlos Alberto Parreira nunca foi uma unanimidade, mas cravou seu nome como o segundo técnico que mais dirigiu a seleção (112 jogos), atrás apenas de Zagallo. Teve três passagens como técnico do time canarinho. A primeira, em 1983, durou pouco. Retornou em 1991 para uma campanha histórica. O craque rebelde Romário foi seu desafeto e também seu salvador, pois resgatou o time nas Eliminatórias e foi o herói do tetra nos Estados Unidos, em 1994. Teve coragem (ou seria teimosia?) para bancar atletas contestados como Dunga e Zinho e um estilo de jogo taxado de "burocrático". Retornou à seleção em 2003 e dirigiu um dos mais exuberantes esquadrões de nossa história. A despeito da pecha de retranqueiro, escalou um time ultraofensivo que deslumbrou o mundo nos anos anteriores à Copa de 2006 com um "quadrado mágico" formado por Kaká, Adriano, Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho. No 7 a 1 de 2014, era o auxiliar de Luiz Felipe Scolari. ■

STUART FRANKLIN/BONGARTS/GETTY IMAGES

Versátil: no comando do "burocrático" time de 1994 e do esquadrão ofensivo pré-Copa de 2006

PARREIRA

8 VOTOS

NASCIMENTO
27 de fevereiro de 1943, no Rio de Janeiro

FOI TÉCNICO
do Fluminense, Bragantino, Valencia (Espanha), Fenerbahçe (Turquia), São Paulo, Corinthians, Atlético (MG) e Internacional, entre outros. Dirigiu as seleções de Gana, Kuwait, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e África do Sul

PELA SELEÇÃO
participou das Copas de 1970 (preparador físico), 1994 e 2006 (técnico) e 2014 (auxiliar). Comandou o time em 112 jogos

CARLOS ALBERTO PARREIRA

BANCO DE LUXO

ILUSTRAÇÃO BAPTISTÃO

Gylmar, Cafu, Domingos da Guia, Mauro, Gérson, Roberto Carlos e Telê Santana *(em pé)*; Ronaldinho Gaúcho, Zico, Sócrates, Rivaldo e Rivellino *(agachados)*

AS ESCOLHAS DO JÚRI

As indicações de cada um dos 170 membros do colégio eleitoral

ABEL NETO, ESPN/Fox Sports: Gylmar; Carlos Alberto, Luís Pereira, Aldair e Nilton Santos; Didi, Zico e Pelé; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Telê Santana

ALEX MÜLLER, Rádio 9 de Julho: Marcos; Carlos Alberto, Mauro, Bellini e Roberto Carlos; Clodoaldo, Rivellino e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Jairzinho. Técnico: Luiz Felipe Scolari

ALEX SABINO, *Folha de S.Paulo:* Gylmar; Cafu, Mauro, Aldair e Roberto Carlos; Clodoaldo, Falcão e Rivaldo; Garrincha, Pelé e Ronaldo. Técnico: João Saldanha

ALEXANDRE BATTIBUGLI, PLACAR: Taffarel; Cafu, Oscar, Carlos Alberto e Roberto Carlos; Falcão, Sócrates e Zico; Pelé, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

ALEXANDRE LOZETTI, Globo: Taffarel; Cafu, Mauro, Aldair e Nilton Santos; Didi, Gérson e Tostão; Garrincha, Pelé e Romário. Técnico: Telê Santana

ALEXANDRE SALVADOR, jornalista: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Aldair e Nilton Santos; Dunga, Zico e Rivellino; Pelé, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

ALEXANDRE SENECHAL, PLACAR: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Mauro e Nilton Santos; Didi, Sócrates e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: João Saldanha

ALICE BASTOS NEVES, RBS: Gylmar; Cafu, Oscar, Luizinho e Nilton Santos; Zito, Zico e Gérson; Garrincha, Pelé e Rivellino. Técnico: Carlos Alberto Parreira

ÁLVARO ALMEIDA, jornalista: Taffarel; Cafu, Juan, Aldair e Junior; Falcão, Zico e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho. Técnico: Zagallo

ALVARO JOSÉ, Band e BandSports: Marcos; Carlos Alberto, Luís Pereira, Djalma Dias e Junior; Falcão, Gérson e Rivellino; Garrincha, Ronaldo e Pelé. Técnico: Zagallo

AMANDA KESTELMAN, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Aldair, Bellini e Roberto Carlos; Tostão, Zico e Ronaldinho Gaúcho; Pelé, Romário e Ronaldo. Técnico: Zagallo

AMAURI SEGALLA, VEJA: Taffarel; Cafu, Bellini, Aldair e Roberto Carlos; Falcão, Didi e Pelé; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Telê Santana

ANA THAÍS MATOS, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Juan, Domingos da Guia e Roberto Carlos; Falcão, Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho; Pelé, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

ANDRÉ GALLINDO, Globo: Gylmar; Djalma Santos, Bellini, Mauro e Nilton Santos; Zito, Falcão e Didi; Pelé, Garrincha e Ronaldo. Técnico: Zagallo

ANDRÉ HENNING, TNT Sports: Taffarel; Carlos Alberto, Luís Pereira, Djalma Santos e Nilton Santos; Falcão, Gérson e Zico; Garrincha, Pelé e Rivellino. Técnico: Zagallo

ANDREI KAMPFF, DAZN e UOL: Taffarel; Carlos Alberto, Oscar, Aldair e Nilton Santos; Falcão, Zico e Pelé: Garrincha, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Telê Santana

ANTERO GRECO, ESPN/Fox Sports: Gylmar; Djalma Santos, Bellini, Piazza e Nilton Santos; Gérson, Didi e Rivaldo; Garrincha, Ronaldo e Pelé. Técnico: Zagallo

ANTERO NETO, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Aldair e Nilton Santos; Clodoaldo, Didi e Gérson; Garrincha, Romário e Pelé. Técnico: Zagallo

ARNALDO RIBEIRO, UOL e Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Mauro, Aldair e Nilton Santos; Zito, Rivellino e Pelé; Romário, Ronaldo e Rivaldo. Técnico: Telê Santana

BÁRBARA COELHO, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Ricardo Gomes, Aldair e Roberto Carlos; Dunga, Pelé e Didi; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Zagallo

BENJAMIN BACK, SBT: Leão; Leandro, Oscar, Aldair e Roberto Carlos; Falcão, Sócrates e Zico; Rivaldo, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

BERNARDO RAMOS, jornalista: Gylmar; Leandro, Aldair, Domingos da Guia e Roberto Carlos; Didi, Gérson e Zico; Garrincha, Pelé e Romário. Técnico: Telê Santana

BIBIANA BOLSON, ESPN/Fox Sports: Taffarel; Carlos Alberto, Aldair, Mauro e Roberto Carlos; Falcão, Zico e Ronaldinho Gaúcho; Adriano, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

BOB FARIA, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Luizinho e Nilton Santos; Gérson, Zico e Pelé; Garrincha, Tostão e Zagallo. Técnico: Telê Santana

BREILLER PIRES, *El País* e ESPN/Fox Sports: Dida; Cafu, Bellini, Domingos da Guia e Nilton Santos; Didi, Sócrates e Pelé; Garrincha, Romário e Leônidas da Silva. Técnico: João Saldanha

BRUNO ANDRADE, A Bola e Canal 11: Taffarel; Carlos Alberto, Oscar, Aldair e Roberto Carlos; Falcão, Zico e Rivellino; Ronaldo, Romário e Pelé. Técnico: Zagallo

BRUNO FORMIGA, TNT Sports: Gylmar; Carlos Alberto, Bellini, Aldair e Nilton Santos; Didi, Gérson e Pelé; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Zagallo

BRUNO FURTADO, *Superesportes e Estado de Minas:* Taffarel; Leandro, Lúcio, Aldair e Nilton Santos; Didi, Tostão e Rivaldo; Ronaldo, Pelé e Romário. Técnico: Telê Santana

APOLOW IMAGES

Pelé, Gylmar e Didi, os primeiros campeões do mundo pelo Brasil, na Copa de 1958: inspiração

BRUNO VICARI, ESPN/Fox Sports: Gylmar; Djalma Santos, Mauro, Aldair e Roberto Carlos; Didi, Pelé e Ronaldinho Gaúcho; Ronaldo, Romário e Rivellino. Técnico: Zagallo

CARLOS EDUARDO EBOLI, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Aldair, Bellini e Roberto Carlos; Didi, Pelé e Rivaldo; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Zagallo

CARLOS EDUARDO LINO, Globo: Gylmar; Carlos Alberto, Domingos da Guia, Bellini e Nilton Santos; Falcão, Didi e Zico; Garrincha, Ronaldo e Pelé. Técnico: Telê Santana

CARLOS MARANHÃO, jornalista: Gylmar; Carlos Alberto, Bellini, Domingos da Guia e Nilton Santos; Falcão, Didi e Zico; Garrincha, Ronaldo e Pelé. Técnico: Zagallo

CELSO UNZELTE, jornalista: Gylmar; Djalma Santos, Domingos da Guia, Mauro e Nilton Santos; Falcão, Rivellino e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Telê Santana

CHICO LINS, Grupo Veg Esportes: Gylmar; Carlos Alberto, Aldair, Mauro e Roberto Carlos; Didi, Zico e Pelé; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Zagallo

CHRISTIAN CARVALHO CRUZ, jornalista: Taffarel; Leandro, Aldair, Luís Pereira e Junior; Toninho Cerezo, Sócrates e Ronaldinho Gaúcho; Zico, Romário e Ronaldo. Técnico: Telê Santana

CLAUDIO HENRIQUE, jornalista: Gylmar; Junior, Domingos da Guia, Bellini e Nilton Santos; Zito, Didi e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

CLÉBER MACHADO, Globo: Gylmar; Carlos Alberto, Luís Pereira, Nilton Santos e Junior; Falcão, Didi e Zico; Garrincha, Pelé e Rivellino. Técnico: Zagallo

DANDAN, Globo: Taffarel; Djalma Santos, Bellini, Mauro e Nilton Santos; Didi, Zico e Rivaldo; Garrincha, Romário e Pelé. Técnico: Zagallo

OS GOLEIROS MAIS VOTADOS

Goleiro	Votos
Taffarel	85
Gylmar	65
Dida	7
Marcos	6
Leão	4
Manga	2
Marcos Carneiro de Mendonça	1

DAVID COIMBRA, RBS: Dida; Carlos Alberto, Lúcio, Bellini e Junior; Falcão, Zico e Rivellino; Garrincha, Pelé e Ronaldinho Gaúcho. Técnico: Luiz Felipe Scolari

DÉBORA GARES, Globo: Dida; Leandro, Domingos da Guia, Juan e Nilton Santos; Falcão, Zico e Ronaldinho Gaúcho; Pelé, Garrincha e Romário. Técnico: Telê Santana

DIEGO SALGADO, UOL: Gylmar; Carlos Alberto, Bellini, Domingos da Guia e Nilton Santos; Sócrates, Zico e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Telê Santana

EDGAR ALENCAR, Globo: Gylmar; Djalma Santos, Mauro, Bellini e Roberto Carlos; Didi, Falcão e Rivellino; Pelé, Garrincha e Ronaldo. Técnico: Carlos Alberto Parreira

EDSON MAURO, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Luís Pereira e Nilton Santos; Falcão, Gérson e Zico; Garrincha, Tostão e Pelé. Técnico: Zagallo

EDUARDO ELIAS, ESPN/Fox Sports: Taffarel; Carlos Alberto, Oscar, Bellini e Nilton Santos; Gérson, Zico e Pelé; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Telê Santana

EDUARDO MORENO, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Domingos da Guia e Nilton Santos; Falcão, Didi e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Leônidas da Silva. Técnico: Zagallo

EDUARDO TIRONI, jornalista: Gylmar; Carlos Alberto, Bellini, Aldair e Nilton Santos; Falcão, Didi e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Zagallo

ELTON SERRA, TVE Bahia: Taffarel; Djalma Santos, Bellini, Mauro e Nilton Santos; Zito, Didi e Pelé; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Zagallo

EMANUEL COLOMBARI, UOL: Taffarel; Djalma Santos, Bellini, Mauro e Nilton Santos; Didi, Pelé e Ronaldinho Gaúcho; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: João Saldanha

ERIC FARIA, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Aldair, Bellini e Nilton Santos; Didi, Gérson e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

EVERALDO MARQUES, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Oscar, Mauro e Nilton Santos; Didi, Zico e Pelé; Ronaldo, Romário e Ronaldinho Gaúcho. Técnico: Telê Santana

FÁBIO ALTMAN, PLACAR: Dida; Leandro, Luís Pereira, Oscar e Roberto Carlos; Rivellino, Ademir da Guia e Zico; Pelé, Ronaldo e Sócrates. Técnico: Telê Santana

FABIO SORMANI, ESPN/Fox Sports: Gylmar; Carlos Alberto, Mauro, Aldair e Nilton Santos; Zito, Didi e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Zagallo

FELIPE BORTOLANZA, RBS: Gylmar; Cafu, Bellini, Aldair e Nilton Santos; Falcão, Gérson e Pelé; Garrincha, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo. Técnico: Zagallo

FERNANDO KALLÁS, *Diario AS*: Taffarel; Carlos Alberto, Aldair, Bellini e Nilton Santos; Didi, Gérson e Zico; Garrincha, Ronaldo e Pelé. Técnico: Vicente Feola

FRANK FORTES, Rádio Massa FM: Gylmar; Carlos Alberto, Bellini, Aldair e Roberto Carlos; Falcão, Zico e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Telê Santana

FRED MELO PAIVA, *Estado de Minas*: Taffarel; Cafu, Bellini, Lúcio e Roberto Carlos; Didi, Sócrates e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Reinaldo. Técnico: Telê Santana

GABRIEL PILLAR GROSSI, PLACAR: Taffarel; Cafu, Carlos Alberto, Luís Pereira e Junior; Falcão, Zico e Gérson; Garrincha, Ronaldo e Pelé. Técnico: Telê Santana

GABRIELA MOREIRA, Globo: Taffarel; Leandro, Aldair, Márcio Santos e Nilton Santos; Falcão, Zico e Pelé; Tostão, Ronaldinho Gaúcho e Romário. Técnico: Telê Santana

GABRIELA RIBEIRO, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Mauro e Nilton Santos; Rivellino, Sócrates e Pelé; Garrincha, Tostão e Ronaldo. Técnico: Zagallo

GALVÃO BUENO, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Mauro, Nilton Santos e Junior; Falcão, Zico e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Zagallo

GERD WENZEL, Onefootball e Deutsche Welle: Gylmar; Djalma Santos, Mauro, Luís Pereira e Nilton Santos; Falcão, Didi e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Telê Santana

GIAN ODDI, ESPN/Fox Sports: Gylmar; Djalma Santos, Mauro, Aldair e Roberto Carlos; Falcão, Sócrates e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Telê Santana

GLÁUCIA SANTIAGO, ESPN/Fox Sports: Taffarel; Cafu, Aldair, Lúcio e Roberto Carlos; Rivaldo, Sócrates e Falcão; Garrincha, Ronaldo e Pelé. Técnico: Telê Santana

GUILHERME PEREIRA, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Mauro, Oscar e Junior; Falcão, Didi e Pelé; Ronaldo, Garrincha e Romário. Técnico: Telê Santana

GUILHERME PIU, UOL: Taffarel; Carlos Alberto, Mauro, Bellini e Roberto Carlos; Falcão, Ronaldinho Gaúcho e Zico; Pelé, Romário e Ronaldo. Técnico: Zagallo

GUSTAVO HOFMAN, ESPN/Fox Sports: Gylmar; Carlos Alberto, Domingos da Guia, Aldair e Nilton Santos; Zico, Didi e Rivellino; Garrincha, Ronaldo e Pelé. Técnico: Telê Santana

GUSTAVO MANHAGO, RBS: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Domingos da Guia e Junior; Falcão, Ronaldinho Gaúcho e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Zagallo

CRUZEIROWEB.NET

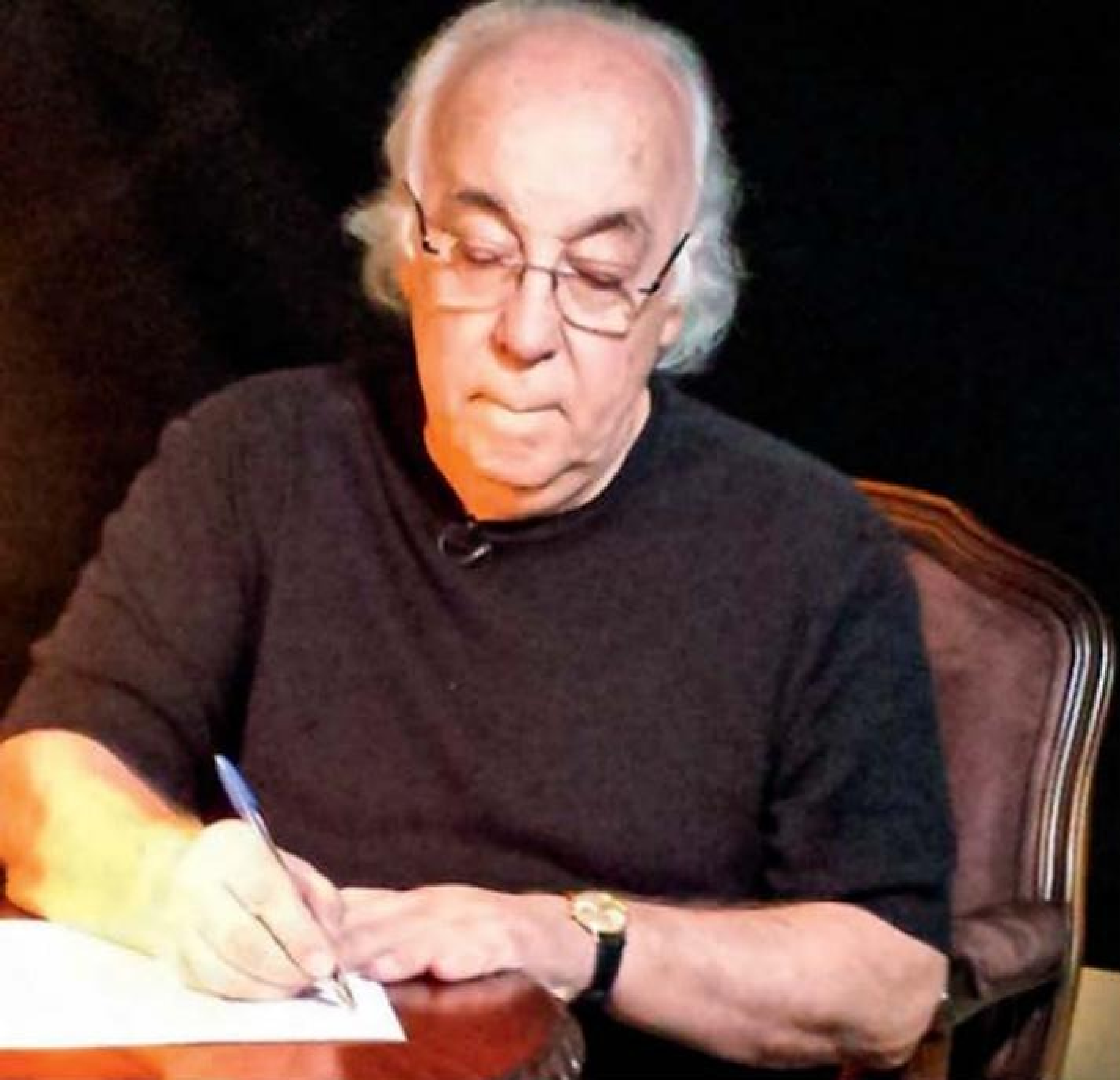
Tostão: hoje comentarista, o craque da conquista do tri, em 1970, recebeu treze votos e está entre os melhores de todos os tempos

GUSTAVO VILLANI, Globo: Gylmar; Carlos Alberto, Bellini, Djalma Santos e Roberto Carlos; Falcão, Pelé e Rivellino; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

GUSTAVO ZUPAK, ESPN/Fox Sports e Globo: Gylmar; Carlos Alberto, Mauro, Aldair e Roberto Carlos; Didi, Gérson e Rivellino; Pelé, Romário e Ronaldo. Técnico: Zagallo

HENRIQUE FERNANDES, Globo: Taffarel; Cafu, Mauro, Aldair e Nilton Santos; Didi, Ronaldinho Gaúcho e Zico; Garrincha, Ronaldo e Pelé. Técnico: Zagallo

JADER ROCHA, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Aldair, Bellini e Nilton Santos; Clodoaldo, Didi e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

JANAINA XAVIER, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Brito, Luís Pereira e Nilton Santos; Clodoaldo, Didi e Rivellino; Garrincha, Ronaldo e Pelé. Técnico: Zagallo

OS ZAGUEIROS E LATERAIS MAIS VOTADOS

Carlos Alberto	104
Nilton Santos	99
Aldair	88
Bellini	72
Mauro	53
Roberto Carlos	53
Domingos da Guia	31
Cafu	29
Djalma Santos	23
Luís Pereira	24
Oscar	20
Junior	19
Leandro	15
Lúcio	10
Juan	6
Thiago Silva	5
Luizinho	4
Márcio Santos	3
Airton "Pavilhão"	2
Brito	2
Daniel Alves	2
Djalma Dias	2
Jorginho	2
Mauro Galvão	2
Marcelo	1
Marinho Chagas	1
Marinho Peres	1
Nena	1
Orlando	1
Piazza	1
Ricardo Gomes	1
Sebastião Leônidas	1

JOSÉ ALBERTO ANDRADE, RBS: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Domingos da Guia e Nilton Santos; Falcão, Didi e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

JOSÉ TRAJANO, jornalista: Gylmar; Carlos Alberto, Bellini, Orlando e Nilton Santos; Gérson, Didi e Zizinho; Garrincha, Romário e Pelé. Técnico: Zagallo

JUCA KFOURI, UOL: Gylmar; Djalma Santos, Márcio Santos, Aldair e Nilton Santos; Falcão, Didi e Rivellino; Garrincha, Tostão e Pelé. Técnico: Telê Santana

JUNIOR, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Luís Pereira,Thiago Silva e Nilton Santos; Gérson, Falcão e Zico; Garrincha, Ronaldo e Pelé. Técnico: Zagallo

KAIO FIGUEIREDO, PLACAR: Dida; Cafu, Aldair, Lúcio e Roberto Carlos; Falcão, Alex e Ronaldinho Gaúcho; Ronaldo, Romário e Pelé. Técnico: Zagallo

KARIN DUARTE, Globo: Taffarel; Cafu, Bellini, Aldair e Nilton Santos; Gérson, Zico e Pelé; Romário, Garrincha e Ronaldo. Técnico: Zagallo

KATIA PERIN, jornalista: Leão; Cafu, Bellini, Mauro e Nilton Santos; Falcão, Didi e Rivellino; Garrincha, Pelé e Romário. Técnico: Telê Santana

KLAUS RICHMOND, PLACAR: Marcos; Cafu, Aldair, Oscar e Roberto Carlos; Falcão, Rivellino e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Carlos Alberto Parreira

LEANDRO BEHS, Vozes do Gigante: Taffarel; Carlos Aberto, Mauro, Aldair e Nilton Santos; Falcão, Didi e Rivellino; Garrincha, Pelé e Ronaldo. Técnico: Zagallo

LEONARDO BERTOZZI, ESPN/Fox Sports: Gylmar; Carlos Alberto, Domingos da Guia, Aldair e Nilton Santos; Didi, Gérson e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Telê Santana

LEONARDO MIRANDA, Globo: Gylmar; Daniel Alves, Bellini, Thiago Silva e Nilton Santos; Falcão, Didi e Dunga; Romário, Pelé e Ronaldo. Técnico: Luiz Felipe Scolari

LÍVIA LARANJEIRA, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Oscar, Luís Pereira e Roberto Carlos; Falcão, Ronaldinho Gaúcho e Rivellino; Garrincha, Ronaldo e Pelé. Técnico: Telê Santana

LUCAS GUTIERREZ, Globo: Taffarel; Cafu, Mauro, Aldair e Nilton Santos; Gérson, Rivellino e Zico; Pelé, Garrincha e Ronaldo. Técnico: Zagallo

LUCIANO POTTER, RBS: Taffarel; Carlos Alberto, Mauro, Lúcio e Nilton Santos; Falcão, Zico e Pelé; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Telê Santana

LÚCIO DE CASTRO, Sportlight: Gylmar; Leandro, Domingos da Guia, Bellini e Nilton Santos; Zizinho, Didi e Pelé; Garrincha, Romário e Zico. Técnico: Zagallo

LUIS BENFICA, Band: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Mauro Galvão e Nilton Santos; Falcão, Didi e Ronaldinho Gaúcho; Garrincha, Pelé e Ronaldo. Técnico: Zagallo

LUIS FERNANDO VERISSIMO, RBS, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo:* Manga; Djalma Santos, Nena, Marinho Peres e Nilton Santos; Falcão, Sócrates e Dirceu Lopes; Garrincha, Pelé e Ronaldo. Técnico: Aymoré Moreira

LUIS ROBERTO, Globo: Gylmar; Carlos Alberto, Bellini, Mauro e Nilton Santos; Gérson, Zico e Didi; Garrincha, Pelé e Ronaldo. Técnico: Zagallo

LUIZ ANTONIO SIMAS, historiador: Taffarel; Carlos Alberto, Domingos da Guia, Mauro e Nilton Santos; Zito, Didi e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

LUIZ FELIPE CASTRO, PLACAR: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Lúcio e Nilton Santos; Dunga, Rivaldo e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Zagallo

MARCEL RIZZO, UOL e *Folha de S.Paulo:* Gylmar; Djalma Santos, Aldair, Mauro e Nilton Santos; Didi, Rivaldo e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

MARCELA RAFAEL, ESPN/Fox Sports: Taffarel; Cafu, Aldair, Bellini e Junior; Falcão, Zico e Pelé; Garrincha, Romário e Rivaldo. Técnico: Zagallo

MARCELO BARRETO, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Domingos da Guia e Roberto Carlos; Didi, Zico e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

MARCELO DUARTE, jornalista: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Mauro e Roberto Carlos; Falcão, Tostão e Pelé; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Telê Santana

MARCELO MADUREIRA, humorista: Gylmar; Carlos Alberto, Falcão, Toninho Cerezo e Nilton Santos; Gérson, Rivaldo e Zico; Garrincha, Pelé e Rivellino. Técnico: João Saldanha

Zagallo em ação na Copa de 1962, no Chile: o único a ser votado como jogador e técnico

MARCO AURÉLIO SOUZA, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Aldair, Bellini e Djalma Santos; Clodoaldo, Didi e Pelé; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Carlos Alberto Parreira

MARCOS SERGIO SILVA, UOL: Taffarel; Carlos Alberto, Luís Pereira, Aldair e Roberto Carlos; Falcão, Sócrates e Zico; Romário, Ronaldo e Rivaldo. Técnico: Carlos Alberto Parreira

MARÍLIA RUIZ, UOL: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Mauro e Roberto Carlos; Falcão, Sócrates e Zico; Ronaldo, Romário e Pelé. Técnico: Zagallo

MARTHA ESTEVES, jornalista: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Aldair e Nilton Santos; Zico, Gérson e Didi; Pelé, Garrincha e Romário. Técnico: Telê Santana

MARTÍN FERNANDEZ, Globo e *O Globo:* Gylmar; Carlos Alberto, Aldair, Mauro e Nilton Santos; Falcão, Didi e Gérson; Garrincha, Pelé e Romário. Técnico: Zagallo

MAURICIO BARROS, BandSports: Gylmar; Cafu, Domingos da Guia, Mauro e Nilton Santos; Didi, Zico e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Telê Santana

MAURÍCIO NORIEGA, Globo: Gylmar; Carlos Alberto, Mauro, Aldair e Nilton Santos; Didi, Gérson e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Zagallo

MAURÍCIO SARAIVA, RBS: Gylmar; Carlos Alberto, Aldair, Bellini e Nilton Santos; Falcão, Gérson e Pelé; Garrincha, Romário e Rivellino. Técnico: Zagallo

MAURO BETING, TNT Sports, Jovem Pan, SBT e Yahoo!: Gylmar; Carlos Alberto, Luís Pereira, Domingos da Guia e Nilton Santos; Falcão, Didi e Pelé; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Telê Santana

MAURO CEZAR PEREIRA, jornalista: Gylmar; Leandro, Domingos da Guia, Aldair e Nilton Santos; Zizinho, Zico e Pelé; Leônidas da Silva, Tostão e Romário. Técnico: João Saldanha

MAURO NAVES, ESPN/Fox Sports: Gylmar; Carlos Alberto, Mauro, Aldair e Nilton Santos; Didi, Zico e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

MENDEL BYDLOWSKI, ESPN/Fox Sports: Gylmar; Carlos Alberto, Aldair, Bellini e Roberto Carlos; Falcão, Didi e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Telê Santana

MILTON LEITE, Globo: Gylmar; Carlos Alberto, Bellini, Aldair e Junior; Falcão, Gérson e Didi; Garrincha, Pelé e Rivellino. Técnico: Telê Santana

MILTON NEVES, Band: Gylmar; Carlos Alberto, Luís Pereira, Aldair e Marinho Chagas; Zito, Rivellino e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Edu. Técnico: Zagallo

MURICY RAMALHO, ex-treinador: Taffarel; Carlos Alberto, Luís Pereira, Aldair e Roberto Carlos; Falcão, Rivellino e Zico; Ronaldo, Pelé e Romário. Técnico: Zagallo

NADJA MAUAD, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Domingos da Guia, Aldair e Nilton Santos; Didi, Falcão e Zico; Pelé, Garrincha e Ronaldo. Técnico: Telê Santana

NETO, Band: Taffarel; Leandro, Aldair, Lúcio e Nilton Santos; Clodoaldo, Didi e Rivellino; Pelé, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

NIVALDO PRIETO, ESPN/Fox Sports: Gylmar; Carlos Alberto, Mauro, Aldair e Roberto Carlos; Zito, Gérson e Rivellino; Garrincha, Pelé e Ronaldo. Técnico: Zagallo

ODINEI RIBEIRO, Globo: Gylmar; Carlos Alberto, Oscar, Bellini e Nilton Santos; Clodoaldo, Didi e Gérson; Garrincha, Tostão e Pelé. Técnico: Telê Santana

OLGA BAGATINI, jornalista: Taffarel; Carlos Alberto, Aldair, Márcio Santos e Nilton Santos; Falcão, Didi e Gérson; Pelé, Garrincha e Romário. Técnico: Telê Santana

OSCAR ULISSES, Globo: Taffarel; Leandro, Luís Pereira, Djalma Dias e Roberto Carlos; Falcão, Gérson e Zico; Garrincha, Pelé e Rivellino. Técnico: Zagallo

PAULO BRITO, jornalista: Taffarel; Jorginho, Luís Pereira, Airton "Pavilhão" e Junior; Falcão, Zico e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho. Técnico: Zagallo

PAULO CALÇADE, ESPN/Fox Sports: Gylmar; Djalma Santos, Bellini, Mauro e Nilton Santos; Gérson, Jairzinho e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

PAULO CÉSAR VASCONCELLOS, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Aldair, Oscar e Nilton Santos; Falcão, Didi e Gérson; Pelé, Garrincha e Jairzinho. Técnico: Zagallo

CARLOS NAMBA

João Saldanha, o treinador das eliminatórias de 1969: por apenas dois votos, atrás de Parreira

OS TREINADORES MAIS VOTADOS

Treinador	Votos
Zagallo	94
Telê Santana	54
Carlos Alberto Parreira	8
João Saldanha	6
Luiz Felipe Scolari	4
Aymoré Moreira	2
Marinho Rodrigues de Oliveira	1
Vicente Feola	1

PAULO CEZAR CAJU, colunista de PLACAR: Manga; Carlos Alberto, Domingos da Guia, Sebastião Leônidas e Nílton Santos, Gérson, Didi e Zizinho, Garrincha, Leônidas da Silva e Pelé. Técnico: Marinho Rodrigues de Oliveira

PAULO NUNES, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Aldair, Oscar e Junior; Didi, Sócrates e Zico; Ronaldinho Gaúcho, Pelé e Ronaldo. Técnico: Zagallo

PAULO VINÍCIUS COELHO, Globo: Gylmar; Carlos Alberto, Aldair, Mauro e Nilton Santos; Didi, Gérson e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

PEDRO BIAL, Globo: Marcos Carneiro de Mendonça; Carlos Alberto, Domingos da Guia, Luís Pereira e Nilton Santos; Zizinho, Didi e Gérson; Garrincha, Pelé e Rivellino. Técnico: Carlos Alberto Parreira

PEDRO ERNESTO, RBS: Gylmar; Cafu, Bellini, Lúcio e Nilton Santos; Clodoaldo, Gérson e Rivellino; Pelé, Ronaldo e Tostão. Técnico: Zagallo

PEDRO IVO ALMEIDA, UOL: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Thiago Silva e Nilton Santos; Ronaldinho Gaúcho, Neymar e Garrincha; Pelé, Romário e Ronaldo. Técnico: Zagallo

RAFAEL COLLING, RBS: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Mauro e Nilton Santos; Falcão, Didi e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho. Técnico: Zagallo

RAPHAEL REZENDE, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Thiago Silva, Aldair e Nilton Santos; Falcão, Didi e Pelé; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Zagallo

REMBRANDT JÚNIOR, Globo: Gylmar; Cafu, Mauro, Bellini e Nilton Santos; Didi, Gérson e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Zagallo

RENATA DE MEDEIROS, Globo: Dida; Cafu, Juan, Aldair e Roberto Carlos; Dunga, Gilberto Silva e Ronaldinho Gaúcho; Adriano, Ronaldo e Romário. Técnico: Carlos Alberto Parreira

RENATA FAN, Band: Taffarel; Cafu, Lúcio, Bellini e Roberto Carlos; Falcão, Zico e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

RENATO MAURÍCIO PRADO, UOL: Gylmar; Carlos Alberto, Bellini, Aldair e Nilton Santos; Clodoaldo, Gérson e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

RENATO PETERS, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Aldair, Bellini e Junior; Falcão, Sócrates e Zico; Pelé, Romário e Ronaldo. Técnico: Telê Santana

RENATO RIBEIRO, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Bellini, Aldair e Nilton Santos; Didi, Zico e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

RENATO RODRIGUES, ESPN/Fox Sports: Gylmar; Daniel Alves, Thiago Silva, Aldair e Junior; Falcão, Zico e Pelé; Neymar, Romário e Ronaldo. Técnico: Zagallo

RICARDO CAPRIOTTI, Band: Gylmar; Carlos Alberto, Mauro, Bellini e Roberto Carlos; Falcão, Zico e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Zagallo

RICARDO CORRÊA, jornalista: Gylmar; Carlos Alberto, Mauro, Aldair e Roberto Carlos; Falcão, Zico e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Neymar. Técnico: Telê Santana

RICARDO MARTINS, TNT Sports: Gylmar; Carlos Alberto, Oscar, Mauro e Roberto Carlos; Falcão, Gérson e Neymar; Pelé, Romário e Ronaldo. Técnico: Telê Santana

RICARDO ROCHA, ex-jogador: Taffarel; Carlos Alberto, Aldair, Bellini e Roberto Carlos; Dunga, Pelé e Gérson; Garrincha, Romário e Bebeto. Técnico: Zagallo

ROBERTO BENEVIDES, jornalista: Gylmar; Carlos Alberto, Mauro, Aldair e Nilton Santos; Zito, Didi e Gérson; Garrincha, Pelé e Romário. Técnico: Zagallo

ROBSON MORELLI, *O Estado de S. Paulo* e Rádio Eldorado: Taffarel; Carlos Alberto, Oscar, Bellini e Junior; Falcão, Gérson e Zico; Garrincha, Pelé e Ronaldo. Técnico: Telê Santana

RODOLFO RODRIGUES, UOL: Taffarel; Djalma Santos, Aldair, Bellini e Roberto Carlos; Falcão, Rivellino e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

RODRIGO CAPELO, Globo: Dida; Cafu, Mauro Galvão, Juan e Roberto Carlos; Ronaldinho Gaúcho, Dunga e Rivaldo; Ronaldo, Romário e Pelé. Técnico: Zagallo

RODRIGO FARACO, NSC TV: Taffarel; Carlos Alberto, Brito, Aldair e Roberto Carlos; Gérson, Didi e Zico; Pelé, Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho. Técnico: Zagallo

RODRIGO MATTOS, UOL: Gylmar; Carlos Alberto, Aldair, Domingos da Guia e Nilton Santos; Zito, Didi e Zico; Garrincha, Ronaldo e Pelé. Técnico: Telê Santana

ROGÉRIO CORRÊA, Globo: Gylmar; Djalma Santos, Bellini, Aldair e Nilton Santos; Gérson, Zico e Pelé; Garrincha, Romário e Ronaldo. Técnico: Zagallo

SAMIR CARVALHO, UOL: Marcos; Leandro, Aldair, Luizinho e Roberto Carlos; Falcão, Rivellino e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Carlos Alberto Parreira

SÉRGIO RODRIGUES, Globo e *Folha de S. Paulo*: Leão; Carlos Alberto, Luís Pereira, Juan e Nilton Santos; Gérson, Didi e Zico; Garrincha, Pelé e Romário. Técnico: Telê Santana

SÉRGIO RUIZ LUZ, VEJA: Taffarel; Cafu, Bellini, Domingos da Guia e Roberto Carlos; Gérson, Pelé e Rivaldo; Rivellino, Ronaldo e Garrincha. Técnico: Zagallo

SÉRGIO XAVIER FILHO, Globo: Taffarel; Leandro, Carlos Alberto, Aldair e Junior; Falcão, Zico e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Telê Santana

SIDNEY GARAMBONE, Globo: Gylmar; Carlos Alberto, Domingos da Guia, Aldair e Roberto Carlos; Zito, Didi e Rivellino; Garrincha, Pelé e Romário. Técnico: Zagallo

SILVIO LANCELLOTTI, R7: Gylmar; Carlos Alberto, Bellini, Aldair e Nilton Santos; Zito, Gérson e Didi; Garrincha, Pelé e Rivellino. Técnico: Aymoré Moreira

SILVIO LUIZ, RedeTV!: Gylmar; Carlos Alberto, Luís Pereira, Mauro e Nilton Santos; Gérson, Tostão e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Neymar. Técnico: Telê Santana

SILVIO NASCIMENTO, jornalista: Marcos; Cafu, Oscar, Luís Pereira e Nilton Santos; Falcão, Sócrates e Zico; Pelé, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Telê Santana

TATO COUTINHO, jornalista: Taffarel; Leandro, Aldair, Oscar e Junior; Sócrates, Gérson e Zico; Pelé, Romário e Jairzinho. Técnico: Telê Santana

TAYNAH ESPINOZA, TNT Sports: Taffarel; Djalma Santos, Airton "Pavilhão", Aldair e Marcelo; Falcão, Zico e Pelé; Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Romário. Técnico: Zagallo

Neymar na Copa de 2018, na Rússia: apenas quatro jogadores que estão em atividade foram votados pelo colégio eleitoral de PLACAR

MADDIE MEYER/GETTY IMAGES

TÉO JOSÉ, SBT: Taffarel; Carlos Alberto, Oscar, Mauro e Roberto Carlos; Clodoaldo, Gérson e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Zagallo

THALES MACHADO, *O Globo:* Taffarel; Cafu, Domingos da Guia, Mauro e Nilton Santos; Didi, Zizinho e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Telê Santana

THIAGO OLIVEIRA, Globo: Taffarel; Carlos Alberto, Oscar, Mauro e Roberto Carlos; Falcão, Zico e Ronaldinho Gaúcho; Pelé, Romário e Ronaldo. Técnico: Telê Santana

TIAGO CIRQUEIRA, RBS: Taffarel; Cafu, Aldair, Luizinho e Roberto Carlos; Gérson, Zico e Ronaldinho Gaúcho; Pelé, Ronaldo e Romário. Técnico: Telê Santana

TIAGO MARANHÃO, jornalista: Gylmar; Djalma Santos, Bellini, Domingos da Guia e Nilton Santos; Falcão, Sócrates e Zico; Pelé, Ronaldo e Romário. Técnico: Telê Santana

TIM VICKERY, BBC e World Soccer: Taffarel; Jorginho, Mauro, Domingos da Guia e Roberto Carlos; Zito, Didi e Zico; Zizinho, Pelé e Leônidas da Silva. Técnico: Zagallo

TINO MARCOS, jornalista: Gylmar; Djalma Santos, Aldair, Domingos da Guia e Nilton Santos; Falcão, Gérson e Zico; Garrincha, Pelé e Ronaldo. Técnico: Zagallo

TOSTÃO, *Folha de S.Paulo:* Gylmar; Carlos Alberto, Aldair, Nilton Santos e Roberto Carlos; Didi, Gérson e Ronaldinho Gaúcho; Garrincha, Pelé e Ronaldo. Técnico: Zagallo

VITOR BIRNER, ESPN/Fox Sports: Marcos; Cafu, Mauro, Aldair e Roberto Carlos; Falcão, Gérson e Pelé; Garrincha, Rivellino e Romário. Técnico: Telê Santana

VITOR GUEDES, *Agora São Paulo* e BandSports: Gylmar; Carlos Alberto, Aldair, Domingos da Guia e Nilton Santos; Gérson, Didi e Pelé; Garrincha, Leônidas da Silva e Rivellino. Técnico: Zagallo

OS MEIAS E ATACANTES MAIS VOTADOS

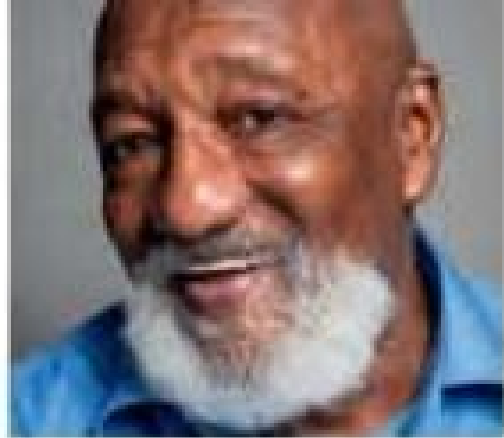
Jogador	Votos
Pelé	165
Garrincha	132
Ronaldo	130
Romário	97
Didi	84
Falcão	80
Zico	74
Gérson	59
Rivellino	56
Ronaldinho Gaúcho	29
Sócrates	19
Rivaldo	17
Zito	15
Tostão	13
Clodoaldo	11
Dunga	7
Zizinho	7
Leônidas da Silva	6
Neymar	5
Jairzinho	4
Adriano	2
Toninho Cerezo	2
Ademir da Guia	1
Alex	1
Bebeto	1
Dirceu Lopes	1
Edu	1
Gilberto Silva	1
Reinaldo	1
Zagallo	1

VITOR SÉRGIO RODRIGUES, TNT Sports: Gylmar; Carlos Alberto, Bellini, Aldair e Nilton Santos; Gérson, Rivaldo e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Rivellino. Técnico: Zagallo

WALTER CASAGRANDE JR., Globo: Leão; Leandro, Luís Pereira, Carlos Alberto e Nilton Santos, Gérson, Didi e Rivellino; Garrincha, Pelé e Romário. Técnico: Zagallo

WÁLTER NUNES, *Folha de S.Paulo:* Taffarel; Djalma Santos, Luís Pereira, Aldair e Roberto Carlos; Zito, Didi e Pelé; Garrincha, Ronaldo e Romário. Técnico: Luiz Felipe Scolari

O TERCEIRO TIME

Dida, Djalma Santos, Oscar, Luís Pereira, Clodoaldo, Junior e Carlos Alberto Parreira *(em pé)*; Zizinho, Dunga, Tostão, Zito e Leônidas da Silva *(agachados)*

PAULO CEZAR CAJU

NUNCA HAVERÁ UNANIMIDADE

Gérson, Didi e Zizinho. Peraí, vou repetir: Gérson, Didi e Zizinho, algo como um sonho, uma poesia. Confesso que não foi fácil deixar o Rivellino fora dessa!

Escalar a seleção brasileira de todos os tempos é a melhor forma de incendiar uma resenha, uma saudável provocação que faz despertar o treinador que cada brasileiro carrega dentro de si. "Bota ponta, Telê!", "Convoca o Baixinho, mesmo machucado!" — não tem jeito, o torcedor tem voz e, na pressão, já conseguiu incontáveis vezes escalar jogadores e demitir técnicos. Nunca haverá unanimidade em um teste como esse, mas sempre valorizo a memória, o trabalho precioso de pesquisadores, e justamente por isso escalei meu escrete com dois jogadores que não vi atuar, Domingos da Guia e Leônidas da Silva, o Diamante Negro. Nesse caso, as dicas me foram passadas ao longo da vida e carreira por meu saudoso pai, Marinho Rodrigues, técnico selecionado para dirigir os seguintes craques: Manga, Carlos Alberto, Domingos da Guia, Sebastião Leônidas e Nilton Santos, Gérson, Didi e Zizinho, Garrincha, Leônidas da Silva e Pelé.

Manga sendo vacinado contra a Covid-19: aos 83 anos, ele vive no Retiro dos Artistas, no Rio

INSTAGRAM @RETIRODOSARTISTAS.ORG.BR

Me emociono só de escrever. Manga não tolerava levar gols nem em treino e nos jogos pedia para a barreira sair da frente para ele poder participar mais da partida. Sem luvas nem joelheiras. Carlos Alberto era elegante, virava o jogo, lançava, desarmava e liderava. Mas é seguido de muito perto por Leandro e Nelinho. Sebastião Leônidas e Domingos da Guia tinham uma técnica extrema. Meu pai contava que Domingos dava balão e caneta dentro da grande área. Nilton Santos, a Enciclopédia, não ganhou esse apelido por acaso. No meio, Gérson, Didi e Zizinho. Peraí, vou repetir, Gérson, Didi e Zizinho, algo como um sonho, uma poesia. Confesso que não foi fácil deixar o Rivellino fora dessa! Didi criou a folha seca e Leônidas da Silva, a bicicleta. São pioneiros do futebol, improvisavam, criavam, inventavam. Não havia engessadores nessa época e a criatividade fluía a ponto de Leônidas mergulhar de costas no espaço em busca da bola. Hoje, os técnicos berram para que os jogadores ataquem a bola. Atacar a bola é voar para criar uma jogada mágica. E Garrincha, o inventor do drible, da ginga, da molecagem? O que falar desse passarinho, do semeador de pureza? Apenas rever, rever e rever suas atuações. E depois de todos esses magos entrarem em campo, os torcedores já estariam explodindo em felicidade, afinal nenhum adversário ficaria de pé, mas ainda faltava um. E não estou falando de Jairzinho, Tostão, Romário, Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho, que observavam o aquecimento do banco. Nessa seleção, ainda faltava Pelé. Mas, quando o Rei entrou em campo, curvou-se e pediu bênção a Zizinho, seu grande ídolo, arrepiou-se ao ver Didi e Leônidas da Silva. Tempos outros, áureos, em que nossos campos eram tapetes para desfiles de reis. ■

Me emociono só de escrever. Manga não tolerava levar gols nem em treino e nos jogos pedia para a barreira sair da frente para ele poder participar mais da partida. Sem luvas nem joelheiras"